

THE

# ESIAS

AYLOGONO,

BY

THE

...

...

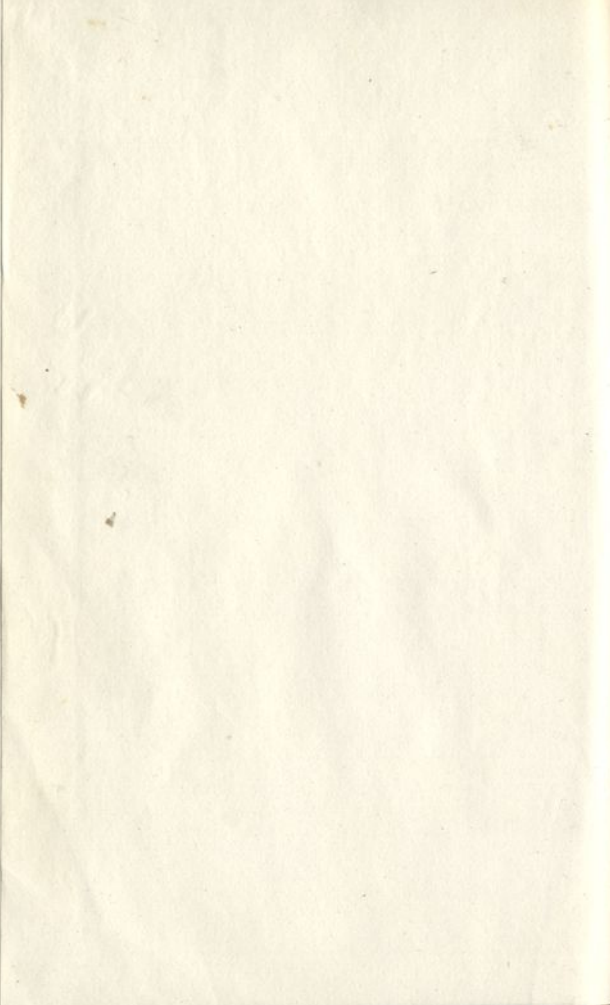
...

...

...

...

...



VARIAS

POESIAS

DE PAVLOGONC, AL-

VEZ D'ANDRADA.

3293 Parte Primeira.

JOAM GONCALVES DA  
Camara do Conselho del Rey nosso Senhor,  
Conde de Villa nova da Calheta, Capitaõ Ge-  
neral de gente de guerra da Ilha da Ma-  
deira, Governador perpetuo da Justi-  
ça, & Veador da fazenda na di-  
ta Ilha, & Porto Santo,  
Senhor das Ilhas  
Desertas.



Com todas as licenças necessarias.

Lisboa. Por Matheus Pinheiro, 1629.

Manoel de Brito

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO

DE SAO PAULO



L I C E N C, A S.

**P**Or mandado do Conselho Gèral do S.Officio, viestas Poefias de Paulo Gõçalvez de Andrada , nas quais não achei coufa algũa contra nossa sancta fe, & bons costumes, nem à que reparar nos encarecimentos com que os Poetas costumão engrandecer os sujeitos de que trataõ, cha mandolhe divinos, soberanos, & outras cousas semelhantes , que mais são ornato dà mefma Poefia, & hiperboles de que estão cheas todas quantas á impressas, que sentenças, que possaõ induzir algum erro, ainda nos mais ignorantes; & assi me parece o livro tão digno da licença que pede para se imprimir, como do grande nome, & fama que seu Autor tem. Em Lisboa, em nossa Senhora da graça 14. de Fevereiro de 629.

*Fr. Dionisio dos Anjos.*

**V**istas as informações, pode se imprimir este livro, & depois de impresso

## L I C E N C A S,

torne conferido com seu original pera se dar licença para poder correr, & sem ella não correrá. Lisboa, 6. de Abril de 629.

*Francisco Barreto. Fr. Antonio de Sousa,  
Gaspar Pereira.*

Dou licença pera se imprimir este livro. Lisboa, 7. de Abril de 629.

*Gaspar do Rego da Fonseca.*

## S E N H O R.

**N**Aõ achei cousa algũa contra o seruiço de V. Magestade nestas Poemas de Paulo Gonçalvez de Andrada, & se meu fraco parecer me não engana, saõ das mais sublimes, & excelentes que se podem cõpor em semelhante materia, & como tais as julgo por dignas não só de licença para á impressãõ, se não de muitos aplausos, & favores. Almada, 5. de Mayo de 629.

*Diogo de Payva d' Andrada.*

Que

L I C E N C A S,

Que se possa imprimir este livro, vistas  
as licenças do Sancto Officio, & Or-  
dinario, & depois de impresso torne a esta  
mesa para se taxar, & sem isso não correrá  
Lisboa. 10. de Mayo de 629.

*Araujo.*

*Cabral.*

*Salazar.*

*Primenta d' Abreu.*

Está conforme este livro com o seu original. Em Lisboa, em nossa Senhora da graça, a 4. de Dezembro de 629.

Fr. Dionisio dos Anjos.

Taxão este livro em 120 reis em papel, a 5. de Dezembro de 629.

Pimenta de Abreu.

Salazar.

*A IO A M G O N C, A L-*  
*vez da Camara, do Conselho del*  
*Rey nosso Senhor, Conde de Vil-*  
*lena da Calheta, Capitão Ge-*  
*neral da gente de guerra da*  
*Ilha da Madeira, &c.*



Efferecerlhe a V. S. o que  
he seu, he mais restituição,  
que serviço, estes papeis de-  
vo a seu favor, & fora ingra-  
tidão negarlhe a V.S. agora  
o que lhe devo à tanto. Com esta confi-  
ança me atrevo a fazella de cousas minhas  
porque na opinião de V.S. figurem o que  
levão tão arriscado na de seu Autor. Guar-  
de Deos a V. S. Em Lisboa, 30. de Janeiro  
de 629.

*Paulo Gonçalves D'andrade.*

## AO LEITOR:

**E**studos de menores annos, mal se poderá  
 livrar de defacertos, porem, como dis-  
 culpallos fora desconhecellos, me anima a  
 imprimir o mesmo que me pudera des-  
 confiar; quanto mais que quando nelles se  
 arrisque a reputaçãõ, que importa perder  
 o que não tenho? Parece-me que satisfaço  
 com tirar a luz a menor parte delles, porq̃  
 o molesto se salve no breve: para reprova-  
 dos, ainda são muitos, & para aplaudidos  
 poucos bastaõ. Se isto lhes não valer, apel-  
 lo para a variedade dos juizos, adonde não  
 ay cousa taõ desalentada, que não ache  
 votos em seu favor. Os que lho derem, an-  
 tes os quero appetitosos, que enfastiados,  
 poupandolhes na brevidade desta, o gos-  
 to para a segunda parte, & os que lho ne-  
 garem, em sua mão está fazer o livro mais  
 breve, cerrendoõ donde lhes parecer.

De Francisco de Sà de Meneses.

**D**exad Tagides bellas,  
Dexad del claro Rio las moradas,  
Idad atento oido a las querellas  
Por Lauso tiernamente derramadas,  
Lauso aquel nuevo Orfeo,  
Que cantando el engaño de un desseo  
Con tus dulces acentos  
Mueve el ayre, i parar haze los vientos.  
Vereis Ninfas hermosas  
Celebrar, quando más quexoso amante  
Las penas amorosas,  
I amar los males en su fe constante,  
Siguiendo el aspereza  
De ingrata si, mas superior belleza;  
I que baxando ál dulce amargo infierno  
Adonde Amor las almas atormenta,  
Por entre penas en dolor interno.  
Siguiendo yá difunta su esperança,  
Tan dulcemente cuenta  
Amorosos excessos,  
I de su triste historia los sucessos,  
Que si piedad del ciego amor no alcança  
Ablan

Ablanda, por lo menos  
Los corazones de piedad ajenos.  
Y si escuchar su voz se mereciera  
En el confuso Reyno del Espanto,  
Donde todo es horror, todo lamento,  
Tan suaves efectos produjera,  
Que glorias adquiriera  
Donde el Tarcio cantor suspendió penas;  
Y en l'alta suspencion de las ajenas  
Las que en dulce armonia esparze al viento  
Juntamente movieron  
Con nueva admiracion, con nuevo espanto  
En la ciudad del llanto, a tierno llanto.  
Vereis, Tagides bellas,  
Como a escuchar sus males,  
Reparan los cristales  
De desatadas fuentes,  
Separan las corrientes,  
De caudalosos rios,  
Y sin brillar sus lucidas centellas  
Se paran compassivas las estrellas.  
Vereis Ninfas hermosas,  
Que se mueven piadosas,  
Las peñas, y las plantas



Por escuchar las voces numerosas  
Del musico excelente  
Del lastimado amante,  
O quantas vezes le oireis, ò quantas  
Silvia, Silvia llamando,  
El Eco Silvia, Silvia, respondiendo,  
Montes, i valles Silvia repitiendo  
A si, a Silvia, a su amor eternizando  
Al fin de suave pena provocado  
A ser immortal viene,  
Haziendo que resuene  
(Merced de su cuidado)  
En los fines del mundo el nombre amado.

De Martin Affonso de Torres.

**P**ode vosso engenho tanto  
Cantando as armas de Amor.  
Que de instrumentos de dôr,  
Forma instrumentos de cantos  
Gloria à Causa, ao mundo espanto  
Com vosso canto darcis,  
Se às penas que padeceis  
Tanto aumento procurais,  
Que penas que são mortais  
Com elle immortais fazeis.

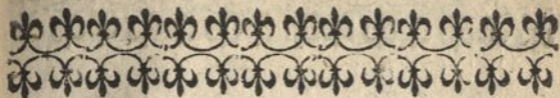
DE

De Dom Francisco Rolim de Moura, sc-  
nhor da Casa da Azambuja.

**T**rasido daquelle intento,  
Que temerario se atreve  
Comprender em termo breve  
Quanto alcança hum pensamento,  
Seguindo o entendimento  
Os longes que diſto alcança  
Em voſſa Eſfera deſcança;  
Dande abſerto em gloria tanta  
Vè que a fama vos levanta  
Sobre a mayor eſperança.

De Egas Coelho da Cunha.

**T**An dulcemente cantais  
Las penas, que Amor ordena,  
Que llorando vueſtra pena  
A todos gloria cauſais;  
Si naofrago lamentais  
Vueſtra perdicion fatal,  
Hazeis embidiado el mal,  
Antes que compadecido,  
Aſſi quando más perdido  
Ganais memoria immortal.



A PAVLO GONC, ALVEZ  
D'andrada. Luiz de Tovar.

**C**anta sonoro, o Lauso, en quanto fundo  
Nueva Deidad de Apolo en tu instrumẽto  
Dando li sonjas, culto, ál pensamiento,  
Hasta que a Marte cantes furibundo.  
Metá a tu voz los terminos del mundo  
Son, si escuchando el admirable acento  
(Suspension del dolor, quietud del vicio)  
La fama te venera sin segundo.  
De artificiosa Citara el officio  
Admire dulce que sigui, o puedes  
Gozar del tiempo aplausos que te ordena.  
Dedique a Amor acciones tu exercicio.  
Que si escriuiẽdo del su imperio excedes  
Serás cantando Orfeo de tus penas.

do Licenciado Antonio Raposo.

**D**esvanecida el arte en tu instrumento  
Esenta de temor sube ligera,  
Bien a los rayos de la quarta Esfera,  
Do prueva tu valor en su ardimiento.  
Donde el Delfico Dios del aureo assiento,  
Al mundo que te aplaude en su carrera,  
Te ciñe del Laurel verde, que espera  
Preservarte del rayo más violento,  
Que a terminos llegaste la osadia  
Del, que mordaz latiendo a agenas flores  
Coge lo que, embidioso fiscalisa,  
Que en estas Lauso, que tu ingenio cria,  
Si venenos labrava abrasadores,  
Labra panales con que te eternisa.

Do Doutor Duarte da Silva protonotário Apostolico. Decimas.

**M**ientras con tiernos amores  
Cuentas a Deidades bellas  
En numerosas querellas  
Innumerables dolores;  
Las que armadas de rigores,  
Hazen guerra al Niño arquero,  
Las de coraçon más fiero  
Presas del contento están,  
Que es tu citara de Iman  
Para los pechos de azero.

Con armonica destreza  
Rinde tu voz soberana  
No solo aspereza humana,  
Pero insensible aspereza;  
Publica el tronco terneza,  
Piedad la peña pregonar:  
Canta pues, que a tu persona  
Yá rendida se promete  
Para estatua Anaxarete,  
I Dafne para corona.



D I O G O G O M E Z D E F I .  
gueiredo. A Paulo Gonçalvez  
D'andrada.

**C**om tanto aliño, i bizzarria tanta  
Este libro de amores à sentido,  
Que si galan excede àl mäs, lucido,  
Por dulce eleva, i por sonoro espanta.  
Assi sobre los Cielos te levanta  
A pezar de la embidia, i del olvido,  
Que el estilo emulado i no offendido,  
Leido agrada, i contemplado espanta:  
Assi exprimiendo amante, tus passiones  
Con dulce voz, i metro soberano  
Rindes los coraçones mas esentos:  
Però que mucho; si en tu diestra mano  
Se buelven, para herir los coraçones  
Arco tu lira, i flechas sus acentos.



Do licenciado Luiz de Mello, advogado  
da Casa da Suplicação.

**A**lternando tu ingenio dulcemente  
Dexas qualquiera assunto eternizado  
Hora apliques tu Musa a ley de estado,  
Hora àl Amor dediques lo que siente.  
En Epitome breve e sprito ardiente,  
Que aniquila la gloria del passado,  
Brotas, i de ti mismo enagenado  
Te hiziste superior por accidente  
Cedan lo grave i dulce, que en sentido  
En numeros su offeçto ni presuma  
Tierna lira vencerte, o igualarte,  
Que estos concetos son que à produzido  
Vivo dolor del alma, a dò la pluma  
Ministro fue de Amor, pincel del arte.

**D**Este volumen, Letor,  
Sacaràs, si con el lidias,  
De Apolo tantas embidias,  
Quantas flechas del Amor,  
De oy màs deven a su Autor  
Flecha Amor'i Lira Apolo,  
Pues su pleçtro unico, i solo,  
Aun màs allà los embia  
De los terminos del dia  
Del uno, i del otro polo.  
Entre los Signos su Lira  
Bien merece colocada  
Pues tanto admira tocada,  
Quanto divulgada admirada:  
Si a eternidades aspira,  
Vencido el tiempo adversario,  
Estatuas de marmol Pario  
Hurten su ingenio ál olvido,  
Tan alto por entendido,  
Como agradable por vario.



De Francisco d'Almeida de Brito, Sar-  
gento mór de Tomar.

**C**Antad, Cisne del Tajo, que de Apolo  
La más verde guirnalda se os destina,  
I alto instrumento a vuestra voz Divina  
De las rubias arenas de Pactolo,  
Antad vos solo amores, que vos solo  
Más que el Amor, con Musa perigrina,  
Tanto podeis, que a su Deidad se inclina  
Postrado el fiero mar, rendido Eolo.  
a libertad que contra Amor blazona  
Por vos sujeta a languidos desmayos  
Y a sus altares tímida venera.  
si abraçais con los primeros rayos,  
Sereis con lira de oro, i la corona  
Mayor que Apolo en su más alta Esfera.

Dom Francisco Manoel, & Mello.

**T** An dulcemente veñidas  
Oy sacais vuestras verdades,  
Que ande hallar dificultades  
Para que sean creidas  
Y ô quando llego a escucharos,  
Nunca de rogarle olvido  
Bienes àl mal, que a traído  
Obligacion de quexaros  
I a fe que no ignora quien  
Testigo es de tanto mal,  
Quien tan bien canta su mal,  
Que bien cantará su bien.  
Mas si abonar pretendís  
La verdad de vuestro amor,  
Porque la enseñeis mejor  
Amad, pero no canteis.  
No diran que àl desafío  
Llevais armas de traicion,  
Grillos para la razon,  
Lazos para el alvedrio

Ni bien avrá quien presume  
(Como á dicho con error)  
No vence con más amor,  
Mas vence con mejor pluma.  
Que por la mesma razon  
Y a suerte del Amor es,  
Si como pluma una vez,  
Otra vez, como baston.  
Donde cierto, e presumido,  
Que justamente os haran,  
Venus su gran Capitan,  
Su gran Maestro Cupido,  
Asi bien de la ventura  
Las leyes podeis burlar  
Pues llevais para obligar  
Passaporte en la dulçura.  
Y callo á fin, perdonad,  
Que me falta en este empleo,  
i la mano en el deseo.  
La pluma en la voluntad.

De Luiz de Abreu de mello.

**V**uestro ingenio unico, i solo  
Es muy digno segun veo  
De estimarse por de Orfeo,  
I laurearse por de Apolo,  
Tan dulce de polo a polo  
Dilatais de Amor querellas,  
Que aplicando luzes bellas  
Al armonico conciento,  
En el mismo firmamento  
Enterneceis las estrellas.  
Suene, Lauso, vuestra Lira,  
Cisne del Tajo cantad,  
I hareis de Orfeo verdad  
La fabulosa mentira,  
Que quien la dulçura admira  
De vuestro armonico canto,  
Vè, con dulcissimo espanto,  
Que en distantes Orizontes,  
Puede hazer mouer los montes,  
I suspender Radamanto.

En vuestros escritos veo  
(Con devida admiracion)  
Quanto os rinde la opinion,  
I quanto pide el deseo,  
Este glorioso trofeo  
De tan devida alabança  
{Pues con su grandeza alcança  
De cuenta à encarecer),  
Dezir serà enmudecer,  
I callar desconfiança.

Da Senhora Leonarda da Encarnação,  
freira professa do Rosario.

Si las penas suspendia  
La Lira del Tracio Amante,  
I las puertas de diamante,  
A fuerça abrió de armonia;  
Vuestra dulce melodia  
Le avrá de llevar la palma,  
Pues con la sabrosa calma,  
Que en el alma introduxis,  
Las puertas del alma abris,  
Parais las penas del alma.

A Paulo Gonçalvez da Andrada. Ioão  
Franco Barreto.

**P**oscia ch'n suso 'l Tago di tua lira  
L'armonia sonó sonó il concerto,  
Par che se rese immoto 'l mobil vento,  
E tacque anchora l'armonia che gira.  
Già men Petrarcha, emen il Lasso ammira,  
Inansi pur ciascuno resta spento,  
Quasi stella in su'l Sol, ch'io tal ti sento  
Frá quanti Apolo dolcemente spira.  
E ben sei Sole tu, poi come 'l Sole  
Con suoi raggi la luce ál giorno riede,  
Tu lariedi a i Poeti co 'l tuo canto.  
Vivirai dunque eterno 'n tue parole,  
Chale dolceze lor in prova ecède  
Dele firene, e cigni, el pregio, e 'l vanto.

De Pedro de Noronha de Andrada.


**A** Mor su imperio admira dilatado  
En alas de la fama sonora,  
Màs que no por su flecha poderosa,  
Por tu felice pluma, celebrado.  
El rigor de tu Silvia eternizado  
(Tu Silvia amada quanto rigurosa)  
Tu Musacanta en versos numerosa  
Gloria àl Amor, gloria àl objeto amado.  
I mientras Laufo, a Amor, a Silvia ingrata  
Fabrica eternidad tu illustre pluma,  
Igual tu pluma àl orbe se dilata.  
Que desde el negro tumulo de espuma,  
Hasta la canna candida de plata,  
Publica Apolo encomios de tu suma.

De

De Francisco Diaz de Guzmão.

**L'** Admiracion del poderoso objeto  
Fabrica de la mano poderosa  
Cantas en dulce Lira armoniosa,  
Eterna suspencion, divino affecto.  
Admirable lo bello, i lo perfeto,  
Dudosa queda la eleccion, dudosa,  
Si iguala tanto ardor la causa hermosa,  
O si al ardor supera el gran sujeto,  
Si bien son respetosos los recelos  
(Emulas de si mismas tus querellas)  
Igualan a la causa los desvelos  
Iguales vivireis, ó acciones bellas  
En lamina divina de los Cielos  
En caracteres lucidos de estrellas.



  
da S. Dona Bernarda Ferreira.

**S**i puede aver desdichas venturosas,  
Si lastimas que muevan a contento,  
Si en males bienes, glorias en tormento,  
I gracia en las desgracias más penosas.  
Aqui, Lauso, entre penas amorosas  
De tantas maravillas sois portento,  
Immortal Silvia, vos de muerte esento,  
Ellas por vos, sin fin tambien famosas.  
Cantando excessos de un amor eterno  
Vencido aveis de Enrydice el Amante,  
I àl musico Anfiom con altas palmas.  
Que si uno suspender pudo el Infierno,  
Vos a hazer cielo el Tajo sois bastante,  
Si otro movió las piedras, vòs las almas.

Re



R E P O S T A.

Aludindo á primeira, & segunda parte da  
Espanha Libertada, heroicamente  
escritas pello felice engenho  
desta Senhora

**D** Ad Senhora en empresas venturosas  
Satisfaciones ál comun contento,  
En quanto a vuestra voz en mi tormento  
Rios parais de lagrimas penosas.  
De Rodrigo las culpas amorosas  
Vengadas por el Gothico Portento,  
En vuestro nombre de la muerte esento,  
Si infames fueron, quedaràn famosas.  
Assi cantando con renombre eterno,  
De las desdichas de un perdido Amante  
Sacais España generosas palmas.  
Cantad las pues, que el amoroso Infierno  
Parais en tanto, con que sois bastante,  
A honrar a España, i suspender las almas.

Da



Da Senhora Vilante do Ceo Religiosa  
de nossa Senhora do Rosario.

**E**sta que maravillas superiores  
Recopila feliz divina suma  
Erario de amores, donde tu pluma  
Epilogô riquezas superiores.  
Armense en su defensa los amores,  
I porque nunca el tiempo la consume,  
Essenta de los años, se presume,  
Sino vergel de luz, cielo de flores.  
En vano solicita, affecta en vano  
Detrimentos la embidia a tanta gloria,  
Pues en la tuya ál fin su offensa emprende  
O mil vezes compendio soberano,  
Donde la perfeccion es tan notoria  
Che nõ trova la invidia ove li emmendã

Re-




## REPOSTA.

**C**ompendio de milagros superiores,  
De quanto agrada prodigiosa suma,  
Musa de España, que por aurea pluma  
Bellezas manifiestas interiores  
Causa de amor contraria a los amores;  
A si misma la embidia se consume,  
Quando las que abre de flustrar presume  
Luzes tu ingenio, tu belleza flores.  
La mejor pluma se remonta en vano  
Traz ti perdida, tu de tanta gloria,  
Pues que se alcanças, la alabança emprende  
Cante tu voz, tu objeto soberano,  
Porque en destreza ál mundo tan notoria  
Halle el mūdo que admire, i no que emiēde

De dom Ieronymo de Atayde Capitão,  
& Governador dos Ilheos, sen hor das  
Villas de São Iorge, Graõ Cayro, &  
Sancto Antonio, no estado do Bra-  
zil, filho herdeiro do Con-  
de de Castro.

*Si a lauro aspiras de aplaudida fama  
Si embidias nombre a tanta fe devido,  
O ya por los effetos del sentido,  
O ya por fuerça de encendida llama.  
Alada trompa en tu loor aclama  
Torrente de Helicon a procedido  
I agotado el carcax que al Dios Cupido  
Rayos ministra, a sangre que derrama  
Coronate las Musas, i llevado  
Al alto monte donde Apolo santo  
Furor inspira que exceder procura,  
Nuevo aliento te de tan levantado  
Que bueles de ti mismo a las alturas,  
Prohemio sea lo que agora es canto*

Re



R E P O S T A.

**A** Vn mas arriba de tu propria fama  
Lugar te aguarda a la virtud divi  
Dò la Razon, señora del sentido  
Por exercicios inclytos te llama.  
Aun más tus obras que tu suerte aclama  
Comun aplauso, i dellas procedido  
Vencedor de ti mismo, i de Cupido  
En la voz te publica, que derrama.  
De generoso estímulo llevado  
Traz. el exemplo generoso, i santo  
Con que eximirte de la edad procuras,  
Sigo tu buelo, adonde levantado,  
Sino me desvanecen las alturas  
Celebrarè tus obras con mi canto.

De Manoel de Gallegos.

**G**lorioso imperio, eterna monarquía,  
O ciego Dios, Euterpe te asegura,  
Oy que por Lauso armada de dulçura  
Rayos vibra de suave melodía.  
Tiemble la más hermosa tiranía,  
Dulce naofragio tema la hermosura,  
Que en armonico mar Lauso conjura  
Syrtis de vóz, tormentas de armonía.  
Mas, o divino Arion! si con tu acento  
Penetrando, sutil, sordos oidos  
De la beldad el reyno tiranizas;  
Dando affeto a la voz, voz ál tormento,  
Las Deidades que humanan tus gemidos  
Rindes, e ilustras, matas, i eternizas.

Reposta.

**A** Labeldad que eterna monarquia  
Sobre las voluntades se assigura,  
Si el llanto no, con armas de dulçura  
Eternecer pensó la melodia.  
Mas armada de propria tirania;  
Mirandose en mi llanto su hermosura,  
Como contra mi llanto se conjura,  
Se rebela àl poder del armonia.  
Agora tu, pues con divino acento,  
Passando àl coraçon por los oïdos  
Lo señoreas más que tiranizas,  
Soleniza en tus versos mi tormento,  
I escuchando en tus voces mis gemidos  
Quiçà la ablandes como me eternizas.



De Manoel de Sousa Coutinho.

**C**omun embidia, milagroso empleo,  
Suspension rara, metrico portento,  
Armonica prizion, dulce instrumento  
Admirado Cantor, divino Orfeo.  
Del saber dueño, singular trofeo,  
Vnico exemplo, perigrino aliento,  
Regla ál acierto, de Olvidado esento,  
Trompa a la fama, limite ál desseo.  
Docta enagenacion, gloria aplaudida,  
Canoro Cisne, Homero Lusitano.  
Por si mismo inmortal, por fama eterno,  
Credito al arte, a la sciencia vida,  
Culto entendido, Apolo soberano,  
Por dulce agrado, por amante tierno:



REPOSTA.

**P**lenso señor, quando a escuchar me emple  
De vuestra voz el musico portento,  
Que quitais el dulcissimo instrumento,  
De las manos de strissimas de Orfeo.  
Celebre el mundo con igual trofeo  
Las maravillas del sonoro aliento,  
Pues de la embidia, i del olvido esento  
Passais los fines del comun desseo.  
Vuestra voz embidiada se aplaudida;  
Gloria será del nombre Lusitano,  
Que vos hazeis con vuestro nõbre eterno  
Vivid por vos i la segunda vida  
Que dà la fama al nombre soberano.  
La de vereis a vuestro estilo tierno.

Do Doutor Gregorio de Balcáçar. Cor-  
regedor do crime.


**E**n quanto, ó Paulo, a la virtud atento  
De Apolo sigues el Castalio choro,  
Dando alientos la fama a trompas de oro  
Ocupa con tu nombre todo el viento.  
En quanto mueves el sonoro aliento  
Del Tajo Portuguez Cisne canoro,  
Aun más que por su lucido tesoro,  
Queda famoso el Tajo por tu acento.  
Si la causa de tus daños bella  
Huye tu dulce canto, es que procura  
Dar causa a tu dulcissima querellas  
En su rigor fabrica su ventura,  
Pues moviendote aqueixa queda en ella  
Más famoso tu ingenio, i su hermosura.

Reposta

**C**omo señor, aun mismo tiempo atento  
De Astrea á lpezo, i de Aganype ál choro  
Con letras de diamante, i plumas de oro  
Encomendáites vuestro nombre ál vieto.  
Del felice discurso, i dulce aliento,  
Grave enseñais, i dilatais canoro,  
De Minerva el riquissimo tesoro,  
I de las Musas el divino acento.  
La causa de mi mal tirana, i bella,  
Que eternizar sus titulos procura  
En la voz inmortal de mi querella,  
Devale a vuestra pluma su ventura,  
Que en fẽ de vuestros creditos, en ella  
Mi fama balará con su hermosura.

De Fernão Manoel.

**N**o del rigor de Silvia estás que xoso  
Si en tu pena tu gloria á fabricado,  
Pues entre las estrellas colocado  
Hasta en tanto penar quedas glorioso.  
Haze tu canto el pecho más piadoso  
Para tus sentimientos, obstinado,  
Que no ay pesar de verte lastimado,  
Con el plazer de oírte querelloso.  
Huye Silvia con passos desiguales,  
I de las plumas que el rigor le à hecho,  
Alas para tu fama te previenes  
Texió coronas, i ofreció metales,  
El bronce a tus estatuas, de su pecho,  
El laurel de sus braços, a tus sienas.



Reposta.

**S**iempre offendido amè, siempre quexoso,  
Vn Idolo, de bronçe fabricado,  
En mis estimaciones colocado,  
De su poder, i de mi mal glorioso,  
Lloré, pero el acento, que piadoso  
Podiera hazer un marmol obstinado,  
No pudo hallar su pecho lastimado,  
Contento si de verme querelloso.  
Mas yá contento en penas desiguales,  
Si no remedio el mal que Amor me ábecho  
La gloria estimo, que a mi mal previenes.  
Segui los vientos, i adorè metales,  
Que ál fin Apolo de vn ingrato pecho  
Adornos hizo, para heroicas sienes.

De Martin Leite Pereira.

**C**on tan sonora voz tal melodia  
Cantais los sentimientos amorosos,  
Que parara a los metros numerosos  
La que en vano siguió el Autor delia.  
Cantad. Lauso que fueras de armonia  
Mueven piedras i pechos rigurosos,  
I por trances de amor dificultosos  
A la inmortalidad Amor os guia.  
I porque a tanto bien la causa die: on  
Seran tan embidiados vuestros males,  
Como vuestras desdichas venturosas.  
Que si en el alma donde el ser tuvieron  
Ande ser vuestras penas inmortales,  
Pues Silvia en ella está seran gloriosas.



## REPOSTA.


**C**isne del Duero, en cuya melodía  
Divulgada en afectos amorosos,  
Puede aprender acentos numerosos  
La cítara del Dios, que mueve el día.  
Dichoso vos, que a leyes de armonía  
Reduziendo los pechos rigurosos,  
Por pasos de subir dificultosos  
Al templo vais a do la fama os guía.  
Cantad, que pues las penas os la dieron,  
Hará la voz, con que cantais los males,  
Las penas, sino dulces, venturosas.  
I pues las mias tanto bien tuvieron,  
Seran por vuestros versos inmortales,  
Si por la causa de mi mal gloriosas.



De Francisco de Faria Correa.

**C**anta Cisne del Tajo, que sublime  
Tanto tu plectro admira, eleva tãto,  
Que con el canto suspendido, el canto  
Con letras de cristal el Tajo imprime.  
Tu blanda lira al duro tronco anime  
(Canora embidia ala de Orfeo) en quanto  
Tu voz infunde al mundo nuevo espãto,  
I del morir segundo se redime.  
Nunqua la gloria que tu Musa alcança  
Voraz la embidia consumir presume,  
Si tu Musa eternisa tu alabança.  
No del tiempo mudança la consume  
Que no teme del tiempo la mudança  
Tu memoria en las alas de tu pluma.

Re



REPOSTA.

**C**on metro sonoro, i voz sublime  
Tanto enterneces, i suspendes tanto,  
Que en el alma que escucha el dulce canto  
Con eternos caracteres se imprime,  
De gloriosos espíritus anime  
Bronces la fama con tu nombre, en quãto  
Del negro olvido, con eterno espanto  
En ombros de tu pluma se redime.  
La admiracion, que tu grandeza alcança,  
Muda la alabe, i quando más presume  
Calle la voz no offenda la alabança.  
Buele pues sin que el tiempola consume  
Mi fama con tu pluma, i su mudança  
Respetará sus alas, por tu pluma.

De Manoel de Faria, & Sousa.

**T**Aõ altamente, ó Paulo. engenho, & arte,  
No acento teu gentil se remontaraõ,  
Que nenhũa termo grande me deixaraõ,  
Para que a ti sem ti possa louvar te.  
A imitar desse pleõtro a menor parte  
Desejos de aplaudirte me inflamarãõ,  
E de o não conseguir se desculparaõ  
Com que era competirte, o imitar te.  
Tu sô te louva a ti, que para tanto  
Licenciandote estãõ nossas enuejas,  
Que elogios te hãõ de ser mais numerosos  
Logra por gloria em nosso mundo espanio,  
Que quando culpa de envejosos sejas,  
Serãõ desculpa nfana de envejosos.

De

Reposta.

**E** Stilo, erudição, engenho, & arte,  
Tanto nos versos teus se remontarão  
Que admirações somente me deixarão,  
E somente capazes de louvar te.  
Mas se do altivo espirito a melhor parte,  
Que envejas soberanas me inflammarão  
Em vão se atreve? bem na desculparão  
Desejos impossíveis de imitar te.  
Offendes có o louvor, pois podes tanto,  
Que originando em mi novas envejas,  
Me confundes com versos numerosos.  
Feliz offensa pois, & não me espanto,  
Que quando offensa do que louvas seja  
Ache até nas offensas enverjosos.



Soneto que mandaraõ ao Autor sem saber quem.

**M**over las peñas, i ablandarlas pudo  
Sino me engana la memoria Orfeo,  
Disculpeme, señor, lo que no leo,  
Si el nombre trueco, o la sustancia mudo.  
Lo que quiero dezir es, que no dudo  
De los poderes que en el canto veo,  
Pues diuirtida yo de aqueste empleo  
A los acentos de tu voz acudo.  
Vengo a escucharte, i vengo escrupulosa  
(Ser muger el escrupulo asegura)  
A admirar hermosura tan dichosa;  
Tan rara hiziste al mundo esta hermosura,  
Que si Dios hizo a Silvia tan hermosa,  
Es la primer hermosa con ventura.

Re-

Reposta.

**Y** A que me falta la que activa pudo  
Mover las peñas, citara de Orfeo,  
La suavidad que en estos versos leo,  
Porque la voz no canse, alabo mudo,  
Obligame lo mismo de que dudo  
A celebrar las partes, que no veo,  
Venero lo que ignoro, i a mi empleo,  
No con los pasos, con el alma acudo.  
Que el alma en tanto bien escrupulosa,  
En vuestro entendimiento se asegura  
Bastante causa para ser dichosa.  
Mas si enseñais del alma la hermosura  
Como, ocasion en alma tan hermosa,  
Dais ál amor, negais a la ventura.

VARIAS  
POESIAS DE  
PAVLO GONCALVES  
DE ANDRADA.

## I.

**C**anto las armas, las vitórias canto,  
Que en fe del vëturoso sentimiëto,  
Hazë tan embidiado el vëcimiëto,  
Como altiva la causa de mi llanto.

Si desmaya la pluma en buelo tanto,  
I falta a tanta empresa el ardimiento,  
Gloria eterna serà del pensamiento,  
Que aliento falte, i no materia, al canto.

La altiva sujecion del alvedrio  
Encomendar intenta a la memoria,  
Si mi canto no puede, el llanto mio;  
I baste, por abono de mi gloria,  
Ver, que a las voces de mi llanto fió  
Lo que deve mi muerte a su vito, ia.



II.

**S**oleñize el furor de Marte ayrado  
 El, que aspira a las voces, que derraman  
 De sus trompetas inclytas la fama,  
 Desde vno al otro termino dorado.  
 Que àl poder de vnos ojos retirado,  
 Que a màs gloriosos titulos me llama,  
 Las glorias, devo huir, que el vulgo aclama  
 consagrando la pluma a mi cuydado.  
 I pues tan bellas luzes me ofendieron,  
 Acreditando, àl fin, mi ofensa en ellas,  
 Las armas cantarè, que me vècieron;  
 Que, aunque ofendido de sus luzes bellas,  
 Vida serà la muerte, que me dieron,  
 I seran sus aplausos mis querellas.





## III.

Si igual la voz al sentimiento fuera,  
 Como mi sentimiento a tu hermosura,  
 De los agravios de la edad, figura,  
 Mi pena, ô Silvia, i tu beldad, viviera;  
 Dichosa embidia a las edades diera  
 En tu merecimiento, mi ventura,  
 I absorto el mundo, de tu lumbre pura,  
 En mis incendios, los effetos viera.  
 Que, si tanto deviera a mi cuidado,  
 Y ò dexara en mis versos construido  
 Vn templo a tus grandezas dedicados  
 Donde, en comun ofensa del olvido,  
 Y ò quedasse en tu nombre eternizado,  
 Tu venerada, Amor obedecido.



Disculpa de não poder manifestar seus  
sentimentos.

III.

**B**ien, como el Sol, que quando resplandece  
Oro en la tierra con sus rayos cria,  
Vuestro divino Sol al alma embia  
Afectos, con que el alma se enriquece:  
Pero tambien, como la luz que ofrece  
La vista ciega, si ennoblece el dia;  
Ciega vuestro esplendor á la alma mia,  
Aun quando con sus rayos la ennoblece.  
Quando exprimir quiere el alto affecto,  
Que a vuestro resplandor el alma deve,  
Lo que formó la luz, turba el respeto;  
Mas cobarde, quando mas se atreve,  
Encontrando un effeto á otro effeto,  
Impide un rayo, lo que el otro mneve.

Am



## Amor secreto.

## V.

**A** rdo; pero de llama tan oculta, (ente  
 Que sirue el mismo pecho ál fuego ardi-  
 De cuna, i de sepulcro juntamente,  
 Adonde nace, i donde se sepulta.  
 Si a los ojos en lagrimas resulta  
 Buelto el ardor en misera corriente,  
 Grillos le aplica el miedo, i diligente  
 Los pasos de mi llanto dificulta.  
 I si la ardiente llama, de que muero  
 Vive de los remedios escondida,  
 A oculto incendio que remedio espero  
 O pena ilustremente padecida,  
 Tã grata en los temores que antes quiero,  
 Que publicar el mal, perder la vida.



Estimacão de penas proprias.

VIII.

**A** Rdo; pero la llama hermosa, i pura,  
 A que benigna cõrrella me destin  
 Tan dulce abraza, que en virtud diuina  
 Tiene poder la ofensa de ventura.  
 Glorifico la pena en la hermosura,  
 I quanto el alma, de su fuego indina,  
 Gloriosa por la pena se imagina,  
 Hidropica del fuego, lo procura.  
 Al incendio solicita, se ofrece,  
 I a tan hermosas llamas se condena,  
 Que a penas sabe el alma, que padece;  
 Alto decreto, que el destino ordena;  
 Porque el que por la pena no merece,  
 Tenga por galardõn la propria pena.



## VII.

**A** Rdo; pero la llama, en que encendida  
 El alma, en vivo ardor se considera,  
 Altiua, me encamina a vuestra esfera,  
 De vuestra hermosa esfera procedida.  
 Impulsos son los que me dan la vida  
 Del ardor, que en mi pecho reverbera,  
 Donde el alma, solícita, se altera  
 Traz de su fuego, en fuego conuertida.  
 Assi abrasarme, assi animarme miro,  
 Assi, buscando el natural sosiego,  
 Por los incendios a la gloria aspiro,  
 Assi a la vida por la muerte llego,  
 I assi animado de mi fuego, admiro,  
 Que fomenta la vida el proprio fuego.



VIII.

**C**anse la vida, importunando àl Cielo,  
 El que tanto le deve a su confiança  
 Que mide la ambion, i la esperança  
 Con los ultimos limites del suelo.  
 Ocupe con su nombre quanto el buelo  
 Del Sol descubre, i de la fama alcança,  
 En la temeridad, i en la mudança  
 Sujeta su fortuna a su recelo:  
 Que en los estrechos terminos del hado,  
 A donde me reprimen las estrellas,  
 Nunca que xoso, i siempre mal tratado,  
 Yò no procuro del ni espero dellas,  
 Más bien, ni mas fortuna, que el agrado,  
 Silvia hermosa, de tus luzes bellas.



## IX.

**A** Rrepentido no, mas retirado  
 De mi cuidado al interior secreto,  
 Por ocultar el amoroso affeto,  
 Oculto en mi cuidado mi cuidado;  
 Mas el fuego en si mismo alimentado,  
 Quanto más escondido, más perfeto.  
 Con más vehemencias, quãdo más sujeto,  
 El pecho abraza, donde está encerrado.  
 Al centro de mi ardor mi ardor retiro,  
 Porque la llama ilustre no se vea,  
 En que perpetuamente arder me miro.  
 Respeto vuestro, no mi culpa sea,  
 Si me aparto de vós, por vos suspiro,  
 huyendo el alma aquello que dessea.



X.

**R**ey de los otros soberano Rio,  
 Querico de oro, i de cristal armado,  
 Al ceiro de las aguas, rebelado,  
 Niegas el destinado señorio;  
 Assi nunca tus margenes, i brio  
 Sujetes ál furor del mar ayrado,  
 Ni perturben tu curso sossegado  
 Las negras lluvias del invierno frio;  
 Que conserves eterna la memoria,  
 Que en estas puras lagrimas te entrego,  
 Siempre mudos testigos de mi gloria,  
 I que permitas esta vez ál ruego.  
 Que vivan, en abono de mi historia,  
 En papel de cristal letras de fuego.

D



## XI.

**D**esde que en lechos de çafir reposas,  
I que por sendas de cristal caminas,  
Derramando tus urnas cristalinas  
En favor de las playas arenosas:  
Desde que con fuerças caudalosas  
Aconquistar el mar te determinas,  
Bañando tus corrientes perigrinas  
De Vlyssipo las margenes famosas,  
Mientras, depuesta la arrogancia, hiziste,  
Espejo sosegado el agua pura,  
Que a tantas hermosuras ofreciste;  
En quantas viste, ó Tajo, por ventura  
En tantos años de camino, viste  
Igual a la de Silvia otra hermosura?

En



XII.

**E**N las contradicciones poderosa  
 Se forma de contrarios tu hermosura,  
 I en repugnancias propias te asegura  
 Imperio de belleza rigurosa.  
 Hermosa si, mas con rigor hermosa,  
 Eres de puro fuego, i nieve pura,  
 I a los incendios de tu ardor figura,  
 Elada siempre, i siempre luminosa.  
 Eres Etna, que elado, i enrendido,  
 En contraria virtud a ser se atreve:  
 Ofensor de si mismo, i defendido.  
 De dos contrarios, en espacio breve,  
 Tienes en tu favor vigor unido.  
 Fuego ala ofensa, ala defensa nieve!



A hũa dama que naceo em Mayo.

XIII.

**N**O vês, que suelta la florida falda,  
 La tierra alegre, ò Silvia soberana,  
 Rosas de nacar desperdicia, v fana,  
 Desatadas de nũdos de esmeralda?  
 No vês, que texe esplendida girnaldã  
 Al cabello del Sol cada mañãna,  
 I que, prodigo Mayo, de oro, i grana,  
 Del monte viste la robusta espalda?  
 No vês, que abre su erario, i que te ofrece  
 Las flores Mayo, que abundante cria,  
 Con que Aurora del año resplandece?  
 Pues tus años celebran, i aporfia,  
 O Silvia, todo quanto vês florece  
 Al claro Oriente de tu hermoso dia.



Musica, & fermosura.

XIII.

**B**ien parece tu voz sonora, i pura,  
 Por boca de claveles despedida,  
 Corriente, que del Cielo procedida,  
 Se desata en armonica dulçura.  
 Ondas de voz, i rayos de hermosura,  
 Dulcissimos peligros de la vida,  
 Dos glorias son, adonde dividida  
 La noticia del Cielo, se asegura.  
 Miro el Cielo, oigo el Cielo; en divididos  
 Grillos de suavidad, sonora, i muda,  
 Presa la libertad de los sentidos;  
 I en confusiones de gloriosa duda,  
 En los ojos feliz, i en los oidos,  
 No sabe el alma a qual primero acuda.



XV.

**N**O, porque, audaz, el misero Mancebo  
 Dexò en cristales sepultado el brio,  
 Dando incendios ál agua, i fama al Río,  
 Con la carroça lucida de Febo.

Dexe de se atrever, Factonte nuevo,  
 A tanta luz, el pensamiento mio,  
 Que si de menos meritos lo fio,  
 A rayos màs esplendidos lo atrevo.

De mi ardor a su ardor subir presumo,  
 I en entrambos glorioso el pensamiento,  
 Vno lo aliente, otro lo consume;  
 Era, quando amenaza ál alto intento

Muerte de fuego, i tumulto de espuma,  
 Gloria immortal, mortal atrevimiento.

A hūa

Varias Poesias.

A hũa dama, que se queimou hũa mão  
hũa pinga de lacre, cerrando hũa car-  
ta pa a quem não merecia  
seus favores.

XVI.

**Q**uando reliquias de tu entendimiento  
Dedicava tu mano a dueño indino,  
En mi favor te enseña el desatino  
Viva recordacion de mi tormento.  
Lagrima ardiente de licor violento  
Fuè de mi ardor exemplo perigrino,  
Lagrima, que con lagrimas previno  
La comiseracion el instrumento.  
La misma causa del dolor intensa,  
Llorò para ofenderte condolida,  
Enterneciose en el rigor la ofensa:  
Ay si tu nieve viendo se encendida,  
Conocimiento a su rigor dispensa  
De las llamas eternas de mi vida.

## Lagrimas, &amp; fauores.

## XVII.

*Q*ue tristeza, mis ojos, que recelo,  
 Que pena vuestra, o que desdicha mia  
 En detrimento de la luz del dia,  
 A los luzeros se atreniò del Cielo?  
 Si da is aluios al comun desuelo,  
 I al suelo da is reciproca alegria,  
 Es de vuestro esplendor grandeza impia,  
 Que a vòs os falte lo que da is al suelo.  
 Avaros sois aun tiempo, i liberales,  
 Pues tristes, alegrais al que os adora,  
 Causando bienes, i llorando males;  
 Soles sois con los cargos del Aurora,  
 Que prodiga de esplendidos candales,  
 Enriquece la tierra quando llora.



Lagrimas.

XVIII.

**E**sos, que en la region del alegria,  
 Derrama el llanto lucidos caudales,  
 Perlas son, bellos ojos, Orientales,  
 Porque nacieron donde nace el dia.  
 Mirad, si las perdeis, que no las fia  
 A las conchas del Sur l' Aurora iguales.  
 Dexad, que estimaciones inmortales  
 Les prepare en su centro el alma mia.  
 Al alma permitid, ó luzes bellas,  
 Que forme dellas vn tesoro, i luego  
 Buelva a abrasarse, nuevamēte en ella  
 Que quando averlas derramadas llego,  
 Perlas dexan de ser, i son centellas,  
 Hijas, al fin, de la region del fuego.





## XIX.

Siembra de aquellas flores, que á tocado  
 Tu mano trasladô desde tu seno,  
 Las verdes faldas deste prado ameno,  
 Que sale Silvia (blanca Aurora) á'l prado,  
 Tu, de pueñto el ardor, ò Sol dorado,  
 Falto de ardores, i de luzes lleno,  
 El campo dora de esplendor sereno,  
 Luminoso esta vez, i no abrasado.  
 Però, que importará, que el campo agora  
 De flores siembres, ni de rayos dora,  
 Si sale mi bellissima pastora,  
 Que de flores copiosa, i de esplendores,  
 Soles los ojos, i la boca Aurora,  
 Despide rayos, i derrama flores.



XX.

**L**igero pensamiento que encendido  
 En mis desseos , penetrar te atreves  
 Con passos mudos, i con plantas leues,  
 Vn cielo a tus licencias concedido:  
 Pues eres de mi fuego procedido,  
 I tus alientos a mis llamas debes.  
 Que adonde vas, contigo al menos, lle  
 Demostraciones de mi ardor, te pido;  
 Lleva un suspiro, i dile a mi señora,  
 Que en las ansias de mi desasosiego  
 Es voz del alma que en mi pecho mor  
 Dile, que ardores le presenta el ruego;  
 Porque, si es fuego el alma, que la ador  
 Que pueden ser las voces, sino fuego?  
 B



## XXI.

Vela ligero, i venturoso mide,  
 O pensamiento, en un ligero buelo,  
 Quanta distancia del infierno ál cielo,  
 Los apartados terminos divide.  
 Llegá, pues el recelo me lo impide,  
 I no impide tus passos el recelo,  
 I dexa la region de mi desuelo,  
 Por la region donde mi bien reside.  
 En la gloria verás, donde te embio,  
 Si tiene el mundo igual a tu ventura,  
 I si tiene dolor, que iguale ál mio.  
 Verás pensamiento que locura  
 De mis intentos, i tus a las fio,  
 Pues aun no la disculpa la hermosura?



XXII.

**O** Tu, que de regiones estrangeras  
 Llegas dudoso, i buelues admirado  
 Consiñando por premio a tu cuidado  
 Deste Rio las inclytas riberas;  
 Quando llevar admiraciones quieras,  
 Que dexen tu camino acreditado,  
 A ver del mundo, al fin, recopilado  
 En un prodigio, lo mejor, esperas.  
 Si tanto de ves a tu suerte, mira  
 Silvia la hermosa; mirará en ella  
 Quãto agrada en el mūdo, i quãto admi  
 A si lo menos, que mirares della  
 Fuere lo mäs a que el desseo aspira,  
 Aun lo menos, que tiene, es ser tan bell



## XXIII.

**E**N las contradicciones de la suerte,  
 Que verte, hermosa Silvia, me prohíbe,  
 No se con que razón el alma vive,  
 Si la vida del alma es solo verte.  
 Por costumbre eficaz del dolor fuerte  
 De su propio dolor vida recibe,  
 I vida, que a tormentos me apercibe,  
 Que pasan muchas vezes por la muerte.  
 Quanto mejor, al alma, que te adora,  
 Fuera, pues no te ve, que viera luego  
 Perder la vida, que sustenta agora!  
 Pues viviendo en mortal desasosiego,  
 Dos males siente, i dos infiernos llora,  
 No ver tu gloria, i padecer tu fuego.



XXIII.

**Q**ue respeto en mi daño conjurado,  
 Silvia, mas que tu biẽ, mi mal procuro,  
 Negandome en tu luz hermosa, i pura,  
 Vida a mi muerte, muerte a mi cuidado,  
 Quien, contra los decretos de mi hado,  
 Establece el rigor de mi ventura,  
 Pues dandome por vida tu hermosura,  
 Esta me niega, lo que aquel me à dado?  
 El Sol, que en tus estrellas resplandece  
 Vida l'infunde àl alma, donde llega  
 A procurar la vida, que te ofrece;  
 Si quando vè su Sol, vive, i sosiega,  
 I quando no lo vè, muere, i padece;  
 Quien le niega su Sol, vida le niega.

Dama que sahio fora, quando o Sol se  
puha.

XXV.

*S*tituta del Sol Silvia la hermosa,  
Silvia, divino Sol del alma mia,  
Dilatava los terminos ál dia,  
En duplicadas luzes poderosa  
Del horror, donde vive, a penas osa  
Assomar la tiniebla, i parecia,  
Que la noche en si misma se escondia,  
De tantos resplandores temerosa.  
Y si de los horrores vencedora,  
I emuladora de las luzes bellas,  
Ella sirve de Sol, i el Sol de Aurora.  
Que mucho? Si conduze en dos estrellas  
Tantas luzes, ál alma, que la adora.  
Que vibra un Sol en cada rayo dellas.

Glo.



XXVI.

**G**Loria te ofrece, más que competencia,  
 (Trofeo tuyo de tu luz vencida)  
 La arrogante belleza, que atrevida  
 Quizo ser Sol, ó Silvia, en tu presencia.  
 Desfizó la opinion en la evidencia,  
 Desengañada, si desvanecida,  
 I para cñiella de tu luz vestida,  
 Aun a penas tu Sol le dió licencia.  
 En vano ostente, en lucido decoro,  
 El oro todo, que el Arabia cria  
 En ondas desatada su tesoro;  
 Que en gloriosa opresion de su osadia,  
 Afrenta fueron de las hebras de oro,  
 Los rayos negros, donde nâce el dia.





## XXVII.

**D**ivino entendimiento ál mundo dado,  
 Para gloria del mundo i pena mia,  
 Pues en vuestras acciones cada dia  
 Quedo perdido yò, si el admirado:  
 Si estais, por lo divino, colocado  
 Màs allá de la humana fantasia,  
 I por la libertad, que el alma os fia,  
 Alma sois interior de mi cuidado.  
 Como no veis, divino entendimiento,  
 La causa superior de tanto daño,  
 En la satisfacion del sentimiento!  
 Desmienta vuestro credito el engaño,  
 Dirivando en abono del tormento,  
 De estraña causa, effeto tan estraño.



XXVIII.

**P**eñas del mar, a quien el mar, i el viento  
 Deven eternizada su porfia,  
 Ofreciendo, en continua bateria,  
 Tanta firmeza, a tanto movimiento.  
 Emulas pareceis del sufrimiento,  
 Que inexpugnable a la desdicha mia,  
 Quebranta en su firmeza cada dia  
 Las fuerças del agrauio, i del tormento  
 Siempre ofendidas, siempre victoriosas,  
 Pues ál rigor de pena repetida,  
 Sois peñas ál sentir, vivid dichosass  
 Mas ay de la paciencia, que ofendida,  
 Al repetir de penas rigurosas,  
 A de ser peña, a costa de la vida.



## XXIX.

**A**l rigor del agravio agradecido,  
 Glorias te deve, ó Silvia, el sufrimiento,  
 Pues, apurado agora en mi tormento,  
 Queda por mi tormento conocido.  
 Credito fuè lo que desdicha á sido,  
 A donde examinado el sentimiento,  
 La ofensa viene a ser merecimiento,  
 A creditado yá por ofendido.  
 Así dichosamente desdichado,  
 Desesperado si mas no que xoso,  
 Amante me verás desesperado.  
 muchas vezes, Silvia venturoso,  
 Vn amor, que á de ser eternizado,  
 Sin ser por los favores sospechoso.



XXX.

**Q**ue fin puedo esperar á mi porfia,  
 En la dificultad de tanto empleo,  
 Quando en el fin de mi desdicha veo,  
 Que se renueva la desdicha mia?  
 Llevado de una luz que apenas via,  
 Traz la esperança fuy que a penas creo,  
 I los passos, que devo a mi desseo  
 Contra mi proprio bien los despedia,  
 Quanto más sigo, tanto más se alexa  
 El procurado fin, donde mi suerte  
 Tan lexos de ambos terminos me dexa  
 Que la razon, que mi peligro advierte,  
 Peligros por remedios me aconseja,  
 Que es muerte el proseguir, i el bol  
 muerte.



## XXXI.

DE rayos i colores adornado,  
 Rico de rayos, vario de colores,  
 Esparze luzes i derrama flores,  
 Contento el cielo como alegre el prado.  
 Repite este arroyuelo sossegado  
 Por cada resplandor, mil resplandores,  
 I en soplos de aromaticos olores  
 Zefiro se introduce desatado.  
 De las Sirenas de este bosque el canto  
 Alegria más que nunca, i aporfia  
 Alegria el Alba con el proprio llanto,  
 Todo infunde plazer, todo alegria;  
 Pero, si sale Silvia, que me espanto,  
 Que quando sale el Sol se alegre el dia.

Con



XXXII.

**C**on entrambos igual prodigamento  
 Reparte su caudal el Niño ciego,  
 Depositando, Silvia, de su fuego  
 En ti lo luminoso, en mi lo ardiente,  
 Con migo abrasadora, en ti luziente,  
 Es una misma llama; adonde luego,  
 Yo vivo en confusion, i tu en sosiego,  
 Effeto, de una causa, diferente.  
 En ti puso lo dulce, i lo agradable,  
 En mi puso lo amargo, i lo penoso,  
 En mi lo grave, como en ti lo tierno:  
 Assi, que en variedad tan admirable,  
 Hizo en mi lo confuso en ti lo hermoso  
 Cielo al Amor, como al Amor infierno.



## XXX.

**F**In a su pena, plazo a su ventura  
 Salicio escucha, i Cloris prometia,  
 Duda el pastor, que en tanto bien, seria  
 Llegar por la confiança a la locura.  
 Dudofo de lo mismo, que asegura,  
 Que amante intenta, i cuerdo desconfia,  
 Como de su ventura se temia  
 Temia asegurar lo que procura.  
 Cloris entonces, con semblante humano,  
 Confirma alegre su esperança poca,  
 Dandole firmas, que desmienta en vano;  
 En su credito, a darle se provoca,  
 Cedula de cristales en la mano,  
 I firma de claveles en la boca.

Varias Poesias.



A hum Pintor, mandandolhe fazer o  
trato de hũa dama.

XX XIII.

**T**oma el pincel, artifice de vida,  
Que espiritus infunde en tu pintura,  
I porque tenga igual tanta hermosura,  
Copie tu docta mano a mi homicida,  
Copie la pues, i ofresca, traduzida,  
A los ojos, i al alma imagen pura,  
I en gloria igual, si en desigual ventura,  
Ella la goce real, ellos fingida.  
En tu pincel adoraciones cobra  
El Idolo, a quien, lampara, consagro,  
El noble incendio, que en mi pecho cria,  
I assi, recopilados en tu obra,  
Al mundo admiraran, en un milagro,  
Tu mano, mi Homicida, el amor mio.



A hũa dama, que não sendo conhecida,  
em quanto esteue presente, o foi des-  
pois pelos effeitos.

## XXXV.

**A**rmada de su luz se defendia  
A humanos ojos la beldad más pura,  
I en virtud superior de su hermosura,  
Cegava juntamente, i encendia,  
Adorava suspensa el alma mia,  
En vista bacilante, en fe figura,  
De dudosas visiones de ventura,  
Lo que mirava nó, lo que entendia.  
Desparecio su luz, i brevemente  
Publicó certidumbres de diuina  
En los incendios, que mi pecho sienze.  
Tal, de su esfera llama perigrina.  
Oculta en luzes breves rayo ardiente,  
Hasta que lo publica la ruina.

C 2

Ab



Ahúa dama q̄ dezia q̄ o amor era destino

XXXVI.

**S**Eñora, a vuestros ojos me destina  
 De vuestros ojos una i otra estrella.  
 Culpa fuè de su luz arder en ella  
 De tanto resplandor el alma indina,  
 Però, si a affccto natural inclina  
 De vuestras luzes la menor centella;  
 Lo mucho sobra que teneis de bella,  
 Para exercer poderes de divina.  
 Si en vos lo que es humano puede tanto,  
 Violencias escusad de lo divino,  
 I cause amor lo que merece espanto.  
 Que de tanta beldad es acto indino,  
 Siendo suya la gloria de mi llanto,  
 Dexarla a las violencias del destino.

Am

## Amante tímido.

## XXXVII.

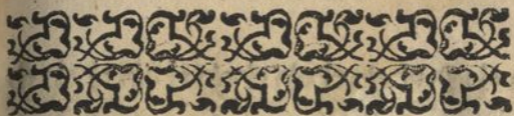
Si a los secretos de mi pecho quiero,  
 Que den alivio mis demostraciones,  
 Confundo mi razón, e mis razones,  
 I en los remedios, sin remedio muerdo,  
 Hablar intento, i de la duda in fiero,  
 Con que ál dolor repugnan mis acciones,  
 Que en vano dan el miedo a mis pasiones  
 Lo que aun a penas del osar espero.  
 Así cobarde al propio sentimiento  
 Teme el remedio, pero Amor ordena,  
 Que si llame el temor, atrevimiento;  
 Que si Amor a temores lo condena,  
 Quien duda, que es valor del sufrimiento  
 Verse morir, sin remediar la pena.



Dama enfermã.

XXXVIII.

**L** A imagen que de pechos obedientes,  
 O Amor, hizo tu mano respetada,  
 De ardores licenciosos profanada,  
 Padece, lloro yo, tu lo consientes.  
 Mas pues en holocaustos siempre ardientes  
 La adora hùmilde el alma enamorada,  
 Por la parte, que tiene de adorada,  
 Se exima de mortales accièntes.  
 Restituye, en un acto generoso,  
 A mi piadoso, a Lisi agradeci do  
 Su vida, el honor tuyo, i mi sosiego;  
 I si es fuerça, que fuego licencioso  
 Le abraçe el pecho de cristal bruñido,  
 Abraçele vna llama de tu fuego.



Alume de hũa vela temerariamen te a-  
trevido á mão de hũa Senhora.

XXXIX.

**Q**ue atrevimiento ó llama rutilante,  
Aun cielo tus excessos encamina,  
Donde a penas subir se determina  
La llama del affecto más constante?  
Suspiro debes ser de pecho amante,  
Pues a region subiste perigrina,  
Superior a tu esfera, por divina,  
Por nevada a tu essencia repugnante.  
Mas si en actos de fuego te dispones  
A mostrar en tu ardor, aunque ardor breve,  
Los tormentos de tantos coraçones,  
Felicemente tu rigor se atreve,  
Pues a amor assigna sus acciones  
Contra los privilegios de la nieve.



Rigor piadoso.

XXXI.

**E**stas, de adonde agora alegrè huyo,  
Por mano del desden rotas prisiones,  
Adornen, con eternas suspenciones,  
O santa libertad, el templo tuyo.  
Honrado viva, por milagro suyo,  
El rigor, infamado en sus acciones,  
Pues de las mas injustas sinrazones,  
El beneficio más felice arguyo,  
A sus utilidades respetoso  
A quien las deva, ignora el alvedrio,  
Entre el desden, i la piedad, dudoso;  
Benigno fue el rigor, pues por bien mio,  
Sola esta vez, en acto generoso,  
Admitiò la piedad ministro impio.



Olhos com olheiras.

XXXII.

Divinos ojos, que en espacio breve  
 Del Sol recopilastes la hermosura,  
 Como de triste affeçto sombra escura  
 A las esferas de la luz se atreve?  
 Nuevos adornos la Beldad os deve,  
 Adonde sus poderes assigura,  
 Pues en virtud de vuestra llama pura,  
 Sin deslustrarla escureceis la nieve.  
 Que en otras bellezas es defeto,  
 En vos es perficion i en bello aumento,  
 Lo bello sube hasta donde assombra;  
 maravilla formais de lo imperfecto,  
 I hazeis, dando valor al detrimento,  
 Lo triste alegre, i resplandor la sombra.

En



XXXI.

**E**N quanto, ô hermoſſima Maria,  
 Gloria inmortal del ultimo Occidente  
 Por margen de chriſtal, prodigamente,  
 El oro derramais que el Indo embia.  
 En quanto dan al Alba en quanto al dia,  
 Luzes los ojos, i candor la frente,  
 I que otras perlas de mejor Oriente  
 De vueſtra hermoſa boca el nacar cria.  
 Gozaa de vueſtros años el Aurora,  
 Antes, que el tiempo prevenciendoos daño  
 Hespero buelva lo que es Alba agora:  
 Robad vueſtro tesoro a los engaños,  
 Lograd ſus bienes no hagan algun her  
 De las glorias de Amor, trofeo los años.

A h





A hũa dama que tirav a com hũa escopeta.

XXXVIII

EN vano el coraçon, el alma en vano,  
 Huir, ó Clori, tu rigor procura,  
 Pues duplicada gloria te asegura,  
 En tus ojos Amor, Marte en tu mano:  
 Sus effetos de fuego soberano,  
 Clori ofendiera llama menos pura,  
 Sino que por Deidad de la hermosura  
 Te convienen las armas de Vulcano.  
 Por unos rayos, i otros conocida,  
 Triunfa juntamente hermosa, i fuerte,  
 Amada tanto yà como temida,  
 Que al coraçon que recelare verte,  
 Daran los rayos de tus ojos vida,  
 Si dan los rayos de tu mano muerte.

A hũa



A hũa dama armada d'armas brancas  
torneo.

XXXV

**A** Rmada Fili azero, el rostro hermoso  
Tanta luz àl azero repartia.

Que embuelta en esplendores, parecia  
Armado el Sol, o Marte luminoso.

Su tierno braço, entonces belicoso,  
Al Amor dilatò la monarchia,  
Haziendole las glorias, que adquiria  
En virtud de sus armas, poderoso.

Belica prevencion, guerra mentida  
A los ojos ofrece; Amor usano  
A nueva guerra el coraçon combida;  
Burlando hierre, mas no hierre en vano,  
Porque no cuesta menos de una vida  
Cada golpe, aunque tierno, de su mano.



Flores amarelas em cabellos negros.

XXXVI.

Ditas flores, que na altiva esfera,  
Donde vive gloriosa a Femosura,  
Pola mão colocadas da ventura,  
Logrando, estais, eterna primavera,  
Nessa que gravemente reverbera  
Divina esfera, bellamente escura,  
Luzes sereis de Amor, com que assigura,  
Quem das glorias que busca de se no  
lo:ia sereis da terra, em que nascidas,  
Fostes, em feliz sorte para estrellas,  
No ceo, donde Amor vive, introduzidas;  
Se Amor vos elege por mais bellas,  
Seraõ, da altiva esfera despedidas  
Rayos de Amor as flores amarellas.

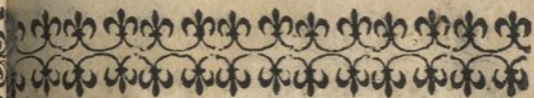
Ahũa



A hũa dama em trajos a'homé cõ espa

XXXVII.

**P**Or ter a monarchia mais figura,  
 Que sobolas vontades adquiria,  
 Fazendo belicosa a monarchia,  
 Fez Lizis varonil a fermosura.  
 Tanto no traje alheo se assigura,  
 Que em varonil aspeito, parecia,  
 Feroz, a quem por bella a obedecia,  
 Bella a quem por feroz fugir procura.  
 De diferentes armas adornada,  
 Em diferentes habitos reparte  
 Trofeos aos olhos, & trofeos á espada;  
 E em seu favor, por natureza, & arte,  
 Grato fez o rigor, a graça armada,  
 Armando a Amor, & desarmãdo a Ma



A hum passaro que estava com o bico na  
boca de hũa dama.

XXXVIII.

**P**lntada voz, habitador do vento,  
Musica flor, espiritu canoro,  
Que exprimes, brando, no volatil coro  
Das aves todas o melhor acento,  
Ditoso tu, que do rigor izento,  
Que dentro n' alma sinto, en' olma choro,  
Colhes da boca de rubi, que adoro,  
Cõ o bico de cristal o doce alento.  
E obedecendo a teu sonoro encanto,  
O premio te ofrecco, que me de via,  
Canta meu mal, ou presta-me teu canto:  
Canto alcance, o que o chorar pedia.  
E pois a pena nunca pode tanto,  
Co as armas vencerei da melodia.



Ao mesmo sujeito em lingua Italiana

XXXIX.

**F**uggi, dipinto auget musico alato,  
 D'il Zefiro canoro ethereo figlio,  
 Fuggi il vermiglio fior, ch' il fior vermiglio  
 Con netarel' Amor l' a velenato.  
 Fuggi leggier, ch' in minaioso stato  
 An le quadrelle e' l arco gli occhi, e' l ciglio  
 Ela gioia giungendo co' l periglio,  
 Dolce il periglio con la gioia an fato.  
 Ma tu ai Paradiso in su le porte,  
 L'orme seguendo al avido desio,  
 Tra le glorie de Amor trovi la morte;  
 Mori felice pur, mori, ch' anc' io,  
 Invida d' il tuo fine la mia sorte,  
 Dal venen vital morir desio.



A hum Almendro florido.

XXXXX.

Si del pomposo traje despojado,  
 Entre la plebe vil desnuda planta,  
 Te viste un tiempo, el tiempo te levanta,  
 Fenix de nuevas plumas adornado.  
 Dexóte Otubre en miserable estado,  
 Hallóte Abril con arrogancia tanta,  
 Que por vistoso agora al prado espanta  
 Lo que por pobre lastimava al prado.  
 Así, gallardo Almendro tu ventura,  
 Vanamente fomenta tu confianza,  
 Pues la propria mudança la asegura.  
 Heb il ventura, misera esperanza,  
 Que quando se imagina más figura,  
 Tiene su fundamento en la mudança.



Imagem do silencio feita de alabastro.

XXXXXXI.

**S**uspende el passo errante, ô perigrino,  
 Que harto tu vista a tu camino deve,  
 I mira en este simulacro breve  
 Larga satisfacion de tu camino.  
 Este, que ves, que aplica de continuo  
 El dedo à labio, que callado, mueve,  
 No es hõmbre, marmol es, donde se atreve  
 Humano amor à acciones de divino.  
 Espiritus vital a piedra dura  
 Comunicò su mano, adonde admira  
 Naturaleza lo que hazer no pudo;  
 I si dizes, que falta a su hermosura,  
 formada voz, ô perigrino, mira,  
 Que es el silencio, i que el Silencio es mudo





Marté contra Adonis.

XXXXXII.

Vnido lò feroz a lo divino,  
 Dios al poder, i fiera a la fiereza,  
 El Dios màs fuerte, a la mayor belleza  
 Trocido rayo de marfil previno.  
 Ala vengança busca, ál aêto indino,  
 Fuera de si feroz naturaleza,  
 Admitiendo, en ilicita dureza,  
 Deidad celosa, coraçon ferino.  
 Vestido cerdas, i furor armado,  
 En bruta saña, su valor convierte,  
 A rapidos enojos provocado;  
 En vengança del Dios celoso, i fuerte,  
 Se armaron, contra el Ioven desdichado,  
 Los celos con las armas de la muerte.



Morte de Adonis.

XXXXXIII.

**A** L golpe infausto de la fiera impia  
 La vida pierde el Ioven más hermo  
 Que con tierno semblante, i riguroso,  
 Almas matava, i fieras perseguia.  
 Tanto la vista, como el braço heria,  
 I aun tiempo mismo, amante, i belicoso,  
 Le dieron, para el trance lastimoso,  
 Brios de amor, impulsos de osadia.  
 En vano de dos almas animado,  
 Temerario, dos vidas aventura,  
 En fuerças dobles más assegurado.  
 Si bien, en tanta muerte, se assegura  
 Fragante vida en opinion del prado,  
 Muerto al valor, i vivo a la hermosura.

## Adonis morto.

## XXXVIII.

*Fatal trofeo de fiera rigurosa,  
 Embuelto Adonis en su sangre fria,  
 Mortal el rostro hermoso, parecia,  
 Cortada flor, aunque cortada hermosa.  
 En tanta desventura venturosa  
 Más, que por la florida Monarchia,  
 En virtud de la sangre que corria,  
 Alma recibe la nevada rosa.  
 Venus parcial en la sangrienta suerte,  
 No de la fiera, del dolor herida,  
 Más, que la fiera, matador, i fuerte,  
 En los braços del muerto amortecida  
 Muere de pena; i dánda alli la muerte,  
 Qual delloses, a quien quitó la vida.*



Venus na morte de Adonis.

XXXXXV.

**D**E la Diosa de Amor, del Ioven fuerte  
 De tiernos pechos, i de tiernos brazos  
 Los apretados vinculos, i laços  
 Desatados por mano de la muerte.  
 Lagrimas una, sangre el otro vierte,  
 I Venus en los ultimos abraços,  
 Del centro del dolor saca a pedaços  
 Razones, que articula desta suerte.  
 Valiente Ioven, por mi mal valiente,  
 Flor de la iuventud, en flor cortada,  
 Sol de hermosura, puesto en el Oriente;  
 Pues fuè de flor tu vida mal lograda,  
 Flor ás de ser, i flor eternamente  
 De la agua de mis lagrimas regada.



## Polifemo.

## XXXXXVI.

Cabó de sonar la horrenda cañá,  
 De cuyos senos concavos re salta,  
 Horror a la caverna más oculta,  
 Terror a la más aspera montaña.  
 El Cyclope feroz, con ansia estraña,  
 Que el barbaro lenguaje dificulta,  
 Al Mongibelo, que su fuego oculta  
 Con un Istro de lagrimas lo bañá.  
 El pecho arroja de furores lleno,  
 I arroja de la luz escura, i fea,  
 Resplandor de cometa, i voz de trueno.  
 El aire grande espacio centellea,  
 Tormenta denotando ál mar sereno,  
 A Acis muerte, i llanto a Gallatea.



Acis.

XXXXVII.

**T** Ronó la voz del Cyclope ofendido,  
 I penetrando el talamo dichoso,  
 Del núdo desatar más amoroso  
 Los más tiernos amantes à podido.  
 Rayos vibra el furor, i despedido  
 Grave peñasco de furor celoso,  
 Al Iouen, fulminado, temeroso,  
 No solo rayo, mas sepulcro á sido.  
 Tembló la tierra al golpe; i desatado  
 En liquidas porciones corriò luego  
 El amante en cristal despedaçado:  
 Halla en el mar a su dolor sossiego,  
 Por los celos en agua trãssormado,  
 Por los amores trãssormado en fuego.

Dido

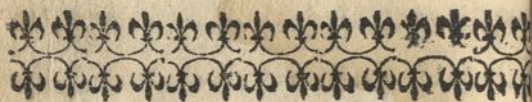


Dido.

XXXXXVIII.

**A**l sibilante espíritu del viento  
Alas de lino el Dardo aplicava,  
I en las margenes Lybicas dexava  
Escrito en la piedra el escarmiento.  
Dando fuerça àl agravio el sentimiento,  
Dido, que el proprio daño fomentava,  
Lagrimas, i suspiros derramava,  
A las ondas vigor, àl ayre aliento  
Cobardes acusando los dolores,  
A la infelice espada recorria,  
Arma, que le ministran los furores.  
De mi muerte executera pia,  
Piadosos (dize) fueron los rigores,  
Que os an dexado para muerte mia.

Dido.



Dido.

XXXXXIX.

**E**N su mano feroz la infame espada,  
 Prenda fatal del presido Troyano,  
 Por los impulsos de la honrada mano  
 Es el delito, infamemente honrada.  
 La Reyna de Cartago desdichada  
 La aplica al pecho infelizmente humano  
 Con que saca del advenatirano,  
 En sangre, la memoria, desatada.  
 A la vengança dió la heroica puerta,  
 Por donde hallò la afrenta la salida,  
 Comun a entrambas en el pecho abierto  
 I por la mesma boca de la herida,  
 Viva a la gloria, i ál agravio muerta,  
 Llamó el honor, i despidió la vida.





## Cesar sobre a cabeça de Pompeyo.

XXXXXX.

**A** Sus pies la magnanima cabeça  
 Del valiente contrario que temia,  
 Embuelta en roxo humor, cendena, i fria,  
 Caduco exemplo de mortal grandeza.  
 Cediendo la arrogancia a la tristeza,  
 Cesar á lespectaculo que via  
 Las màs honradas lagrimas vertia,  
 Que prestó la piedad a la nobleza.  
 Mas al valor, que al odio respetoso,  
 Todo el furor en lastima convierte,  
 Tanto en llorar, como en vencer famoso.  
 Intrepida virtud impulso fuerte,  
 Que importan (dize) al pecho valeroso,  
 Si quedan al arbitrio de la suerte!

Tro.



Troya destruida.

XXXXXXI.

**A** Flebiles cenizas reduzida  
 La cabeça del Asia, respetada,  
 Aunque fuè por las armas descaichada,  
 Quedò por las desdichas conocida.  
 Por las llamas del odio consumida  
 Feliz fuè por el fuego eternisada.  
 I la gloria àl agrauio vinculada,  
 Celebrada quedò por ofendida.  
 En laminas de eternos pedernales  
 Sus desdichas los hados escriuieron,  
 Con rubricas de llamas inmortales.  
 Comun alivio, que a los males dieron,  
 Que fuesen conocidos por los males,  
 Los que por las venturas no lo fueron.

A hu



A hum Amigo Poeta.

XXXXXXII.

Con tanta elocucion, tan altamente  
 (Demonstracion igual a tu cuidado)  
 Numerofo el dolor articulado,  
 Lo reduces a armonica corriente;  
 Que el marmol, que idolatras obediente,  
 En blandos sentimientos desatado,  
 Obedece a tu acento enamorado,  
 De tierna voz execucion valiente,  
 Aun marmol transferiste el sentimiento,  
 Que a mil almas usurpa. enternecidas  
 La suspencion de tu celeste acento.  
 Como maravillas no entendidas  
 Hazen famoso al mundo tu instrumento,  
 Y á dando vidas, y á robando vidas!

Na



Na morte de Madama Vitoria de Bourbon,  
Condessa de Arcos.

XXXXXXIII.

**E**sta machina insigne, esta grandeza,  
Que admiras huesped, lastimado admira,  
Bañen los arcos desta excelsa pira,  
Tiernos diluvios de comun tristeza:  
Pira del Fenix es de la belleza,  
No la mires sin lagrimas, i mira,  
Que en ella espera, bien que en ella espira,  
Fenix eternizar su gentileza.  
Nido de Regios troncos; noble, i fuerte  
Tumba de Regios Arcos construida  
Le dió la sangre, i le guardò la suerte.  
A qual se deve más agradecida?  
Vida Paris le dió para la muerte,  
Muerte Lisboa para eterna vida.



Na morte de Dom Francisco Lobo.

XXXXXXIII.

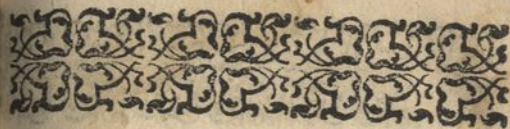
**D**espues que a tu valor en plomo ardiète  
dió muerte el fuego, i tūba el Oceano,  
Brios del Olandez, i del Persiano,  
Gime l'Aurora, i llora el Occidente.  
me, ó Francisco, i teme justamente,  
Desamparado de tu heroica mano,  
Bacilante el imperio Lusitano,  
Amedrentado todo el Oriente.  
defensa comun te armava el z.eio,  
Quando ál caduco Reino, injusta guerra,  
La esperança mayor derriba al suelo.  
aunque arena incognita te encierra,  
Tu espíritu inmortal ocupa el cielo,  
Tu nombre inmortal toda la tierra.



Ao Conde Capitão, aludindo á torre  
suas armas.

XXXXXV.

O De famosa estirpe, honor dichoso,  
De heredado valor, glorioso aume  
Por su valor, por vuestro entendimien  
Dos vezes grande, i otras dos famoso.  
La alta torre del timbre generoso  
Subir por vos, intente al firmamento,  
Siendo en favor del generoso intento,  
Propicio el Cielo, el tiempo respetoso.  
Sobre los ombros pues del zelo fuerte  
Al cielo mismo suba; i lo que pudo  
E rigir la virtud, tema la suerte:  
Vença los años; i mi canto rudo  
Del tiempo se defienda, i de la muerte.  
En la torre inmortal de vuestro escudo



Madrigal. I.

Esta es la mano bella,  
Que del oro sutil de unos cabellos  
La red armò para prenderme en ella,  
Esta es àl fin aquella,  
Que entre los rayos de unos ojos bellos  
Me puso el coraçon, que muere en ellos;  
Vengança Amor, vengança desta ingrata,  
Que aqui tengo la mano, que me mata.

E

A humo





A hum instrumento musico.

Madrigal. II.

**D**ichoso tu dulcissimo instrumento,  
 Pues mano, hermosa si, pero homicida  
 Dando perpetuas muertes, te dá vida,  
 Siendo en sonoro acento,  
 Alma tu voz, i musica tu aliento.  
 No fué dichoso tanto  
 El que en adorno del celeste manto,  
 Embuelto em luzes bellas,  
 En los braços se vè de las estrellas,  
 Que más felice suerte te destina  
 A Esfera más divina,  
 Adonde te coloca tu ventura.  
 En los braços del Sol de la hermosa sura.



Madrigal. III.

El clavel de tu boca, ô Clori hermosa,  
Corre precipitada  
El alma de tu boca enamorada;  
Llega, abrasase, i luego  
Lo que piensa clavel, conoce fuego,  
En tanto bien dudosa,  
¡¡¡¡¡ muere Mariposa.

Madrigal. IIII.

Tu divina boca  
Huye, Clori querida,  
El alma alegre para hallar la vida,  
La vida, que procura sin recelo  
A la puerta bellissima del Ciclo  
Pero el alma, que siente  
En tu boca morir se dulcemente,  
Tiene por feliz suerte,  
Que a la puerta del Ciclo halle la muerte.

Varias Poesias.

Madrigal. V.

**A** Mor ál fuego de tus ojos bellos,  
Que el pecho abraza, con razon no po  
Me libra los remedios en tu boea,  
Ministrando una fuente de dulçura  
A incendios de hermosura;  
Si en tanto incendio a lastima te muev  
Hazer, ô Clori, con tu boca de ves,  
Que ál alma, que arde, comunique, i m  
Grande socorro, pues el fuego es grande  
Dama que nacco em Mayo.

Madrigal. VI.

**D** El Sol de la hermosa  
El matutino rayo,  
Celebra el Cielo, i soleniza Mayo;  
Porque de su natal, aun tiempo bellas  
Aprendieron dichas  
De sus mexillas, i de sus centellas,  
Luz las estrellas, i color las rosas;  
Donde, en comun ventura.  
Es aclamada agora,  
Sol en los cielos, en los campos Flora

Ao mesmo propósito.

Madrigal. VII.

Orden fue del Destino  
Respetoso a tus lucidos verdoros,  
Que pudieses la flor de la hermosa sara,  
Que flor naciesses con las otras flores;  
Siendo de tantas gracias adornada,  
Vnica flor, de flores fabricada.  
Es un clavel tu boca,  
Tus mexillas hermosas  
Son de purpureas rosas,  
I tu frente serena  
Es de jasmín, tus manos de açucena,  
Siendo en favor extraño,  
Rica, por ti, la juventud del año,  
Que con tus flores rica  
Fragancias y bellezas multiplica,  
Que del rigor del yelo  
Es tu vida, porque son del cielo.



Ausencia.

Cançãõ. I.

**E**stas peñas, que agora,  
Embuidian mi firmeza en mi porfia,  
Con el agua, que llera  
Enternecer presume el alma mia,  
Que bien se atreve a tanto  
Armado tanto amor de tanto llanto.

II.

**I**no es la vez primera,  
Que a queixas amorosas desatada,  
Obedeciò ligera,  
La peña mas robusta, i mãs pesada;  
Mas ella misma sabe,  
Que el mal, que la moviò, no fuè iãg



## III.

Q'viera suerte tan dichosa  
 Tuviera agora en tan amarga suerte  
 Que vieras, Silvia hermosa,  
 Las lagrimas, que el alma llora, i vierte?  
 Viera, en mi mal contento,  
 Mi gloria proceder de mi tormento.

## III.

En vāno el alma entrega  
 El rio de mis lagrimas, ál Rio;  
 Que si auerte no llega,  
 Siento en extremo, que en el llanto mio  
 Lleve, entre sus cristales,  
 Memorias de mis bienes, i mis males.



V.

**A** Y flebiles memorias,  
 Para que introduzis àl sentimiento  
 En mis perdidas glorias,  
 Lisonjas, por la puerta del tormento;  
 Ay venturas amargas,  
 goçadas, cortas, i perdidas largas.

VI.

Ay Silvia de mis ojos,  
 Quãdo a la hermosa luz del Sol, que adoro  
 Cesarán mis enojos,  
 Se enxugaran las lagrimas, que lloro,  
 Siendo, si averlo llego  
 Luz para el alma, como à sido fuego.

I Quan



VII.

Quando tus estrellas  
Darán sosiego a la tormenta mia,  
Introduziendo, bellas,  
Tranquilidad àl mar i luz àl dia?  
Pues á (Señora) tanto,  
Que es tu ausēcia tiniebla, i mar mi llāto.

VIII.

Como, Silvia querida,  
Si eres mi vida vivire, sin verte?  
Pues al faltar la vida,  
Las puertas abre para entrar la muerte:  
En tanto mal que espero,  
Ausente de la vida, que no mucro?

Como



IX.

**C**omo en tormento tanto  
 Me perdona la vida el sentimiento  
 Mas vivo, porque el llanto  
 No pierda los efectos del tormento;  
 Dó el alma, i vida á sido,  
 Vida sin alma, i alma sin sentido.

X.

Mas quien verte me impide,  
 Que imposible, que mar, que clima i  
 De mi bien me divide?  
 Quando pudiera ser al amor mio,  
 Que en su lealtad se atreve,  
 El ambito del mundo estorvo breve.





Madrigal. XI.

**P**oderes conjurados  
De estrellas en mi daño poderosas  
Disponen mis cuidados,  
A pezar de otras luzes màs hermosas;  
Ay divinas estrellas,  
Como no podeis mas, si sois màs bellas?

XII.

O, permite algun hora,  
Adorada ocasion de mis enojos.  
Que el alma, que te adora,  
Publicando sus quejas por los ojos,  
Dedique a tus altares  
Llamas a incendios, lagrimas a mares.

A hūa

Varias Poesias.



A hũa Senhora, que sendo muito fermo  
sa, era mal tratada de seu marido.

Canção. I.

**S**I para hazer dichosos  
Son activas estrellas tus estrellas,  
Como tu sola dellas  
No recibes influxos venturosos,  
I eres por varios modos  
Contigo avara, i liberal con todos?

II.

**Q**uando tu rosto veo  
En tantas perficiones perigrino,  
Diuinate imagino,  
I cierto en tu deidad, tu mal no creo,  
Que parece imposible  
En divina beldad accion passible.



III.

**M**As ay que en tus acciones  
El dolor ocultado reverbera,  
I qual si incendio fuera,  
Destila por tus ojos tus passiones,  
I abrasa su corriente  
El Abril de tu rostro floreciente.

III.

Qual tierna vid enlaça,  
En halagos grossero en queexas ronco,  
Al fin rustico tronco,  
Que duro oprime, mas que tierno abraça,  
Tal opressa imagino  
Tu beldad celestial de imperio indino.

Varias Poesias.



V.

**O** Tu de Cytherea  
Hijo gentil; espíritu vagante,  
Que de todo triunfante  
Corres sobervio lo que el Sol pasea,  
I dás a cielo, i tierra  
Con tierno brazo, poderosa guerra.

VI.

**S**i de Affeto amoroso  
Al, que resides soberano assiento,  
Sube el conocimiento,  
Benigno mira, admite generoso,  
Las queexas que te avisa  
En lagrimas retóricas Belisa.

húa dama, que sendo muy pretendida,  
cajava com quem não conhecia.

Canção. III.

I.

Illis, de tu hermosa,  
sujeta a las violencias de un engaño,  
Permite la ventura  
El imperio dichoso a dueño extraño,  
Siendo infelice exceso,  
Que el officio del gusto, haga el sucesso.

II.

Acciones del gusto  
Al gusto no remitas de la suerte,  
Mira, que es caso injusto  
Querer, que acaso el mismo error acierte,  
I que en dudoso empleo  
A manos del temor muera el desseo.

Por.



III.

**P**orque, en trance dudoso  
 La gloria pones, que figura tienes?  
 De tu bien cuydadoso  
 Tu agrado proprio causará tus bienes;  
 Quando no pongas, ruda  
 El acertar en manos de la duda.

III.

A la eleccion permite,  
 Que las glorias de Amor dispensar sabe,  
 Que su officio exercite;  
 Que es de tu discricion defeto grave,  
 Que des el Señorio,  
 A la violencia, más que ál alvedrio.

V.

**D**E tu discurso fia  
Resoluciones, que te importan tanto,  
No digas algun dia,  
En voces mudas de parlero llanto,  
Tarde creido el daño,  
Que fuè desdicha lo, que á sido engaño.

VI.

Quantos a tus ojos  
Votaron siempre, en repetido officio,  
Victimas los despojos,  
Altar el pecho, el alma sacrificio,  
Alguno digne agora,  
Si lo que vale nõ, lo que te adora.

VII.

Que, si es el adorarte  
El merito contigo más perfeto,  
Será quien supo amarte  
Solamente de ti capaz sujeto;  
Donde injusto parece,  
Que alcance más, quien menos te merece,



Satisfação de ciumes injustos.

Canção. V.

I.

**S**ilvia, si otra hermosura  
Puede causarme enojos,  
En desgracia me vea de tus ojos,  
Falteme la ventura,  
I en sentimiento eterno,  
Caiga desde tus cielos en mi infierno.

II.

**S**i a caso, otro cuydado  
Altera el pensamiento,  
Nunqua viva jamàs sin mi tormento,  
De ti viva olvidado,  
I sin hallar sosiego  
A manos muerade mi proprio fuego.





## III.

Si otro fuego me enciende,  
 Que el de tus ojos bellos,  
 Mateme el fuego, que procede dellos,  
 De la luz, que me ofende  
 Alcancen mis dolores  
 Nunca las glorias, siempre los rigores.

## III.

de otra boca espero  
 Bien a mi dicha poca,  
 Muevase contra mi tu hermosa boca,  
 I con semblante fiero,  
 En miserable suerte,  
 Pronuncie la sentencia de mi muerte.

Varias Poesias,

V.

SI *ál fin belleza agena*  
*Pudo conmigo tanto,*  
*Tô viva siempre en la region del llanto;*  
*I si miro a Filena,*  
*más que por cosa tuya,*  
*Nunca a tu gracia Amor me restituya.*

VI.

Si *tiene algo de engaño,*  
*La verdad, que te digo,*  
*Nunca se trate la verdad conmigo,*  
*I si lloro otro daño,*  
*El bello Sol, que adoro,*  
*Nunca enxugue las lagrimas, que lloro.*

VII.

Esto *dize con llanto,*  
*Que su verdad confirme,*  
*A Silvia la cruel Salicio el firme;*  
*Pero Silvia entretanto*  
*Niega, en ingrato officio,*  
*Deudas a Amor, ò credito a Salicio.*

## Canção. V.

## I.

**H**umilde el mar de Hespaña,  
 Si alguna vez airado,  
 El muro levantado  
 Respetá, adorna, i baña,  
 Cuya grandeza, eternamente estraña,  
 El nombre illustre deve  
 Al, que en Troya se atreve  
 Dexar, facundo Griego,  
 Su memoria en caracteres de fuego.

## II.

Con sumission serena,  
 Con ternezas no pocas,  
 Lamiendo vâ las rocas,  
 besando vâ la arena;  
 Su curso para su furor enfrenâ,  
 I en desatados braços,  
 Llega a hazerse pedaços,  
 En regaladas señas,  
 Por ver las grutas, i abraçar las peñas.

Varias Poesias.

III.

**S**V contento mirava,  
Desde una peña altiva,  
Sino era peña viva,  
Un marmol, que llorava,  
Màs peña, que la peña donde estava,  
Llorava su ventura  
Lauso, que se assigura,  
En dolor tan extraño,  
Tan poco la ventura, ¡tanto el daño.

III.

**V**entura prometida,  
Si al effeto negada,  
Aun antes de lograda  
La llora por perdida;  
I desatada en lagrimas la vida,  
Celebra dolor tanto;  
Que con armas de llanto  
Muy bien se atreve el ruego  
A enternecer con agoa un Dios de fuego

## V.

**A**r soberanos ojos,  
 Con lagrimas dizia;  
 I al mar introduzia  
 El fuego en sus despojos;  
 A sentir le ayudavan sus enojos,  
 En los peñascos huecos,  
 Lastimados los ecos,  
 diciendo su tormento,  
 Con la lengua del agua, i voz del viento.

## VI.

**A**r ojos soberanos,  
 Que para el mal beninos,  
 Passando de divinos,  
 Ann no llegais a humanos;  
 Pues sois piadosos, para ser tiravos;  
 Baste, que en mal tan fuerte,  
 Me quexe de la suerte,  
 No ofenda la confiança,  
 Quexandome tambien de la esperança.

Varias Poesias.

VII.

**Q**uando ser à aquel dia,  
Que el alma á tanto aguarda,  
Que bien, por lo que tarda,  
Parece gloria mia;  
Si la propria esperança desconfia,  
Mirad divinos ojos,  
Que en lagrimas, i enojos,  
Atreve su violencia  
La desesperacion a la paciencia.

Salicio, & Cloris.

Canção. VI.

I.

**G**uarneido de flores  
Administrava el prado  
Docel ál Dios alado,  
Sino talamo dulce a los amores;  
Quando de sus reciprocos ardores  
Articulavan tiernos,  
Clori, i Salicio numeros alternos,  
I de ventura tanta  
Mientras el uno escucha, el otro canta

Salicio.

II.

**N**o tanto àl Sol dorado  
 Sigue, firme, i constante,  
 La rubia flor amante,  
 Gigante de las flores deste prado;  
 Como perdidamente enamorado,  
 Clori, tras ti perdido,  
 Te sigo con los ojos, i el sentido;  
 I quando no te veo,  
 Me mata Amor por manos del dèsséo.

Clori.

III.

No tanto àl manso viento  
 Gime, triste, i quejosa,  
 La Ninfa, que amorosa  
 Repite de mis quejas el acento;  
 Como yó de tu ausencia en el tormento,  
 Salicio, en mis enojos,  
 Te an helo con el alma, i con las ojos;  
 I mientras no te miro,  
 En tanta muerte tanta vida admiro.

A ver-

Salicio.

III.

**A** Verte. Clori, llego,  
 Quando merezco verte,  
 De aquella misma suerte,  
 Que a su centro llegò perdido fuego;  
 Precipitado corro a mi sosiego,  
 I dexo, en mi contento,  
 Perdida la memoria del tormento;  
 Que dentro de la gloria,  
 Ni puede aver tormento, ni memoria.

Clori.

V.

Yo, porque Amor me excita  
 Te busco diligente,  
 Del modo, que la fuente  
 Su natural origen solicita;  
 Traz ti, Salicio, Amor me precipita,  
 I solo, si te veo,  
 Vive mi gusto, i muere mi deseo;  
 Porque en la propria Esfera,  
 Donde vive el descanso, el penar muere



Salicio.

VI.

Pues del Silencio mudo  
 Amor testigo es ciego,  
 Dexa, Clori, te ruego,  
 Que siga el exemplar de un tronco rudo;  
 Mira, qual uno alterna, i otro rudo  
 A la vid amorosa,  
 O mil vezes dichoso, Clori, hermosa,  
 Pues en eternos laços  
 Sosiega queexas, i repite abraços.

Clori.

VII.

Lo que la suerte impide,  
 Confirme la ventura,  
 I en tanto bien, segura,  
 Vincule Amor, lo que el temor divide;  
 I tu dichosa vid, los años mide  
 Siempre firme, i constante,  
 A pezar de la edad viviendo amante,  
 Pues, sin temer desdichas,  
 Logras desseos, i prosigues dichas.

Clori

Varias Poefias.

Salicio.

VIII.

**C**Lori, tu boca hermosa,  
Por quien la alma suspira,  
Parece a quien la mira,  
Sino ardiente clavel, purpurea rosa;  
Mas quando el alma, en tanto biẽ dicho  
A sus hojas se atreve,  
Rocio sollicita, i neectar bebe,  
Ay venturas iguales,  
Que busco rosas, para hallar panales?

Clori.

IX.

En tu amor se assigura  
Lo que hermosura llamas,  
Porque de Amor las llamas  
Quilatan en el gusto la hermosura;  
Mas si el alma sollicita procura  
A sus llamas sossiego,  
Aguabusca a su ardor, i alcança fuego;  
Ay tales sentimientos,  
Que busco alivios, para hallar tormento

Salicio.

X.

Lori, tu rostro hermoso  
 Mira el Alba, embidiosa,  
 I mi suerte dichosa  
 Sale a mirar el Sol, como embidioso;  
 O vezes infinitas venturoso,  
 Pues mientras, Cloris, cuento,  
 Tus gracias, i mis dichas ciento a ciento,  
 Bien puedo en mi fortuna,  
 Numerar las arenas una a una.

Cloris.

XI.

Embidia no vitoria,  
 Lleven, de amor tan raro,  
 Cinthia, i su Pastor caro,  
 El embidie tu amor, ella mi gloria,  
 Escrita den al prado nnestra historia  
 En sus hojas las flores;  
 I primero, que cuente mis amores  
 Cuente la embidia, i coja,  
 Las flores deste prado hoja a hoja.

Cada

XII.

**C**ada qual desta suerte  
 Cantava, i respondia,  
 I Amor, que los oia,  
 Ezentava su canto de la muerte.  
 Flores el Alba sobre el campo vierte,  
 La noche se retira;  
 I en tanto, mudo a lo que escucha, i mi  
 Dentro del pecho hueco  
 Lo guarda el monte, no lo diga el Eco.



Ao ouro:

## VII.

## I. III

Ouro metal, que lá do centro escuro  
 Da terra, que no centro te escondia,  
 Saíste a ver o dia,  
 Por mãos do ferro, mais que o ferro duro,  
 E mais que o ferro artifice de guerra,  
 Tiranisando a terra,  
 Soberbo forte, brandamente forte,  
 Adquirindo o poder da propria morte.

## II. III

Digno foy de nome generoso  
 Quem penetrando abòbadas escuras,  
 Vio das entrañas duras  
 Da terra, anatomista vigoroso,  
 Os reconcauos intimos, adonde  
 Junta, a terra te esconde,  
 Pois, crendo que a teu jugo se redime,  
 Entre grilhoens de marmore te oprime.

Em



III.

**E**M seu rigor, piedosamente esquiva,  
 Quando ao trato comum te difficulta  
 No centro em que te oculta  
 Em carceres te poem de penha viva;  
 Avara, conservando deste modo  
 A paz do mundo todo,  
 Porque, soberbo em diligencias tantas,  
 Com os imperios do mundo te levantas.

III.

**C**om presunção de intrepido, & de altivo,  
 A effeito trouxe, de seu proprio dano,  
 Atrevimento humano  
 Do luminoso ardor, ardor nocivo;  
 Porem mais temerario atrevimento,  
 Por impulso violento,  
 Te foy buscar, em destruição do mundo  
 Palida furia, ao Baratro profundo.



V.

A violencia trouxeste, a fraude impia,  
Perturbadoras do sossego hun. a 10;  
E disculpando o engano,  
Fizeste ley da propria tirania;  
O trato fiel, o inexpugnavel muro  
He por ti mal seguro,  
Pois sigurada em vãõ, deixarendida,  
Danae a honra, e Polidoro a vida.

VI.

deste alentos ao primeiro pinho,  
Para que, arando o campo nõqua enxute,  
Largasse, resoluto,  
Azas ao vento de delgado linho:  
Tu quebrantaste a paz ao mar sagrado;  
E enganando o cudado,  
Porque esqueça o perigo cõ a memoria,  
Deste ao perigo titulos de gloria.



VII.

**T**v só, por insolente, respeitado  
Ao vulgo, superior dos metais todos  
Cobras por varios modos  
Lugar sobola sorte colocado;  
E em virtude da propria fermosura,  
Andas sobre a ventura,  
Aclamado do mundo, não sómente  
Rey dos metais, Mas Idolo da gente.

A





A O

ILLVSTRISSIMO

SENHOR

DOM AFFONSO

FVRTADO DE MENDOC, A

ARCEBISPO DE

LISBOA,

GOVERNADOR

DOS REINOS

DE PORTV GAL





Canção. VIII.

I.

**O** Vós da Lusitana monarchia  
 (cô o peso seu caduca, & bacilãte  
 Vnica gloria, & singular columna  
 De cujos ombros o reparo fia,  
 Contra os irados impetus bastante,  
 Tanta vez repetidos da fortuna;  
 Iustamente repugna,  
 A venturase a pena, justamente,  
 Acreditando o proprio desatino,  
 Quando subir intente  
 Humana pena a merito divino,  
 Porem, calificando o detrimento,  
 Do perigo farà merecimento,  
 Quando de tanta luz precipitada,  
 No descredito fique acreditada.



II.

*A* Admiração. que fala mudamente,  
 Lingua immortal, da verdadeira, fama,  
 Chegue, donde não chega humano alento  
 E em confusas rezoens sempre eloquẽte,  
 Nas vozes misteriosas, que derrama,  
 Sõ capazes dum graõ merecimento,  
 Ao mundo todo, atento  
 A vossas obras, vossas obras diga,  
 Que a at enção, que sutil as considera,  
 Posto q ue tanto as figa,  
 Tanto de comprehendellas desespera,  
 Que porque eterno vosso nome fique  
 O encomenda ao silencio, que o publique,  
 Que rethoricamente, bem que mudo,  
 Fala o silencio, quando cala tudo.



III.

**C**Laro Mendoza, que do tronco claro  
 De tantos Heroes, ramo produzido  
 Feliz compendio sois de seus valores;  
 Do tronco digo, que em prodigio raro,  
 Heroes dava por fruto esclarecido,  
 Trofeos por folhas, & valor por flores;  
 De illustres anteriores  
 Toda a virtude em vos recopilada,  
 Arrimo sois, em cuja figurança  
 A Patria fatifada  
 De sobressaltos tremulos descansa;  
 Já sobre toda a terra dilatado,  
 Sois dos limites della respeitado,  
 Tudo cubris de sombra, & vossa sombra  
 Ampara a Patria, como o mundo a sombra

## III.

**A**s heroicas virtudes, de que ornando  
 Obras gloriosas, dais a illustre effeito  
 Nobres resoluçoens, que o peito cria,  
 Generosos indicios estão dando  
 Deſse que reuerbera em voſſo peito  
 Espirito elaro, que vos rege, & guia  
 Aſſi o autor do dia,  
 No resplandor, que provido reparte,  
 Nos influxos, que feliz comunica  
 Igual em toda a parte,  
 Superior calidade juſtifica;  
 E aſſi, por ſeus effeitos conhecido,  
 Argumentado hé, não comprehendido,  
 Na ordem delles, no gouerno dellas,  
 O graõ Motor dos ceos & das eſtrellas.



V.

**D**E sacras letras, de valor ornado,  
 O claro entendimento, o peito forte  
 (Diferença que em vós só vejo unida)  
 As immortalidades consagrado,  
 Duas vezes livre do poder da morte,  
 Cobrais duas vezes immortal a vida,  
 Sem que o sossego impida  
 Os impulsos do peito generoso,  
 A hum mesmo tempo belico, & prudente  
 Prudente, & belicoso,  
 Letras, & armas usando juntamente,  
 Fizestes, por valor, se não por arte,  
 A Apolo valeroso, & douto a Marte,  
 Quando na alta occasião, que vos abona,  
 Vestio Minerva as armas de Belona.

VI.

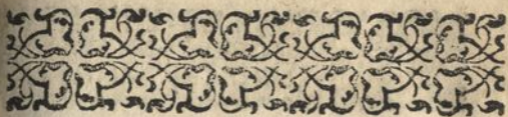
Vossa prudencia justamente elegem.  
Dos dous Imperios alta intelligencia,  
Hespanha, & Roma, cada qual prudente;  
E das gloriosas machinas, que regem,  
Tomando parte em si vossa prudencia,  
Descança cada qual gloriosamente.  
Ao trabalho assistente  
Do Cetro Real, do Pastoral cajado,  
Aos magisterios ambos vigilante,  
Alternando o cuidado,  
Sois dambas as Esferas novo Atlante,  
Exercitando mistico o governo,  
Tanto no temporal como no eterno,  
Do sacro Pescador, do grao Monarcha,  
Dũ governais o Imperio, & doutro a Barca  
Este



VII.

**E**ste Imperio, Senhor, que dilatado,  
 Os berços, & o sepulcro, vê do dia,  
 Remotos fins da fabrica do mundo;  
 A vida deve a quem, no campo armado  
 Vida lhe deu cõ o sangue, que vertia,  
 Primeiro Affonso, & Marie não segun-  
 la com saber profundo,  
 Quando cõ sangue não, nas mãos da morte  
 Outro Affonso lhe dá segunda vida,  
 Quando ao rigor da sorte  
 A calidade intrepida abatida,  
 Obrio natural, de que se armava  
 A vontade dos fados inclinava;  
 D'alto poder effeito conueniente, (16)  
 Que s' hũ Affonso, o fudou, que outro o





## VIII.

A por vossos discursos defendida  
 A Patria, nhum só mouro mais figura,  
 Alentos cobra novamente agora;  
 Porque, em distintos membros dividida,  
 Os horrores do Hespero figura  
 E figura os crepusculos da Aurora;  
 Que de tudo senhora,  
 Cõ o vigor que lhe dais alenta tudo.  
 E vos para outras obras destinado,  
 Bem que felice escudo  
 Do Reyno sois por eleição do fado,  
 Parece, que vos vejo transformada  
 A veste roxa em Purpura sagrada,  
 E que vos guardão já decretos graves  
 Dos Erarios de Pedro as sacras Chaves.



IX.

**I**mmortal sempre nas memorias ande,  
 Quanto humedece o mar, o Sol inflama,  
 Vosso nome em si mesmo colocado,  
 E vos mayor, que vosso nome grande,  
 Dando novos espiritus á fama,  
 Sede por vosso nome eternisado;  
 E posto que envejado,  
 Para que eterna vossa gloria seja,  
 Entre os mesmos perigos mais segura,  
 A a mire a propria enveja,  
 A estableça benevola a ventura,  
 E sempre fausto ireis, & sempre Augusto  
 Do merito subindo ao premio justo,  
 Eternisado contra a morte impia,  
 Adonde nace, & donde morre o dia.

Roixinol.

I.

Acundo Ruysenior, musico alado,  
Que alentado de espirito canoro,  
De atenciones comunes admirado,  
I obedecido del ethereo choro,  
Si, de varios colores adornado,  
Abres del pecho armonico tesoro,  
Vengo a creer, en musica de flores,  
Cuerpo en la voz, i voz en los colores.

II.

animada te vencra el dia,  
Quando tu pompa, desplegada ál viento.  
Hojas de pluma el viento te movia,  
Adorno bolador de su elemento;  
Desatado en sabrosa melodia,  
Quando en olores nô, tu dulce aliento,  
En sus jardines te conoce Flora,  
Entre las mudas flores flor canora.

Varias Poesias.

III.

**T**V voz de tierno pecho despedida  
Ostentacion de su destreza aumentada  
Quando blanda se arroja, i sostenida  
En sus mesmas cadencias se sustenta;  
Buelve a si, de si misma despedida,  
Si agora se acobarda yà se alienta,  
I quando se adelanta, más figura,  
Por hallarse a si misma, se apresura.

III.

Arroja se tal vez determinada,  
I hasta la cumbre llega del aliento,  
De donde, por veloz precipitada,  
Vagante queda en la region del viento  
En quiebros sonoros dilatada,  
No repite, introduce nuevo acento;  
Donde con si misma entretenida,  
De si misma parece que se olvida.

## V.

Nacentos assi no comprehendidos,  
 De aliento superior dulces amagos,  
 La prontitud mayor de los sentidos  
 Suspendes en armonicos balagos,  
 peligra la atencion en los oidos,  
 Padece el alma placidos estragos,  
 Ieres, en el acento numeroso,  
 Boladora Sirena en mar frondoso.

## VI.

Ultierno pecho, qual copiosa fuente  
 De clausulas dulcissimas copiosa,  
 Desatada en armonica corriente  
 La suavidad deriva caudalosa;  
 Ocupa los sentidos dulcemente  
 De dulce aliento inundacion gloriosa,  
 Antes diluvio, donde el alegria  
 En pielagos se anega de armonia.

VII.

**E**N los confines de la blanca Aurora,  
 Termina a entrambas luzes, señalada  
 Quantas vezes tu musica sonora  
 Estorvo fué del orden concertado?  
 Retardase la sombra boladora,  
 Introdúzese el rayo anticipado,  
 I concorren a oír tu melodia,  
 Tarda la noche, i presuroso el dia.

VIII.

Tan dulcemente, ó Ruy señor te queexas,  
 Junta la suavidad con la eficacia,  
 Que desmentido con tus voces dexas  
 El agravio del Principe de Tracias;  
 Más parecen lisonjas, que no queexas,  
 Más de tu amor, que no de tu desgracia  
 Voces parecen las que das al viento,  
 Hijas, mas del plazer, que del tormento.

IX.

Y las aguas, y vientos, de tu canto  
Alguna vez escuchan los acentos,  
Repartes, en violencias del espanto,  
Freno a las aguas, grillos a los vientos,  
Y a las voces sonoras de tu encanto  
Para los comunes movimientos,  
Tienes, como trofeo de tu vitoria,  
El mundo preso en carceles de gloria.

X.

Y de la espezura te imagino,  
Quando, baziendo agradable la violècia,  
Devotos, llevas, a valor divino,  
Despojos de la misma resistencia;  
A tu voz sacrifican de continuo  
Las mismas repugnancias, obediencia,  
Haziendo en la aspereza blandamente  
Con tierna voz execucion valiente.

H

No

XI.

**N**o tanto Orfeo de su valor se alabe,  
 Que, adquiriẽdo a su voz alto trofeo  
 En virtud pueda del acento grave  
 Mitigar los tormentos del Letheo;  
 Que armado tu de espíritu suave,  
 Del aire libre morador Orfeo,  
 Parando mi continuo sentimiento,  
 Introduzes la gloria en el tormento.

XII.

Si al fin, como de Orfeo tu dulce canto  
 Las peñas mover sabe, que movia,  
 Lixis es peña, siempre dura al llanto,  
 I siempre immobil a la que xamia,  
 Si tanto puede tu armonia, i tanto  
 Permites, que le deva a tu armonia,  
 Adquiera, en mi favor, i en propria gloria  
 a sus vitorias la mayor vitoria.



A Rosa.

I.

Esta, que em buelta en roxos esplendores,  
Belleza, a quien dotó la primavera  
El cetro universal sobre las flores,  
Républica adorifera, que impera;  
Haziendo ostentacion de sus primores,  
Tanta jurisdiccion se considera,  
Que en alto aumento d'imperial decoro,  
Purpura viste, i se corona de oro.

II.

Aplicados trofeos se asegura  
En diferente accion doble elegancia,  
Sobre las hermosuras, su hermosura,  
I sobre las fragancias, su fragancia,  
Por vivir en su Imperio más figura,  
Vnida su razon con su arrogancia,  
Fabrica, en su defensa, i en su abono,  
De espigas muro, i de esmeraldas trono.

## Varias Poesias.

### III.

**T**anta opinion a su beldad aumenta  
Su resplandor en hojas desatado,  
Que de Reina del prado aun no contento  
La Diosa quiere ser de todo el prado:  
Origen superior al prado ostenta,  
En la sangre de Venus heredado,  
Enseñando, en abonos superiores,  
En cuerpo de rabi, alma de olores.

### III.

De las auras en torno respetada,  
No pasan de lisonjas sus licencias,  
Adonde conociendose adorada,  
Les paga con fragancias obediencias,  
Agradecida, quando idolatrada,  
Liberal a cortezes assistencias,  
Comunica a las auras, i a los vientos,  
De su aliento aromaticos alientos.

## V.

**Q**uantas vezes la abeja, religiosa  
 A la Deidad, que en su sēblante mira  
 Solicita la busca, i temerosa,  
 Procura la, cobarde, i se retira;  
 Entre el respeto, i la beldad, dudosa,  
 Si llega alguna vez adonde aspira,  
 Quando a labios de nacares se atreve,  
 En copa de coral neētares beve.

## VI.

Sobre la estimation de su tesoro  
 Tan superior assiento le dispone  
 La misma Aurora, que a las perlas, i oro,  
 Que prodiga produce, la antepone:  
 Las perlas desperdicia, i su decoro  
 Del honor de los campos se compone,  
 Que mucho! si se adorna su belleza  
 De oro los pies, de rosas la cabeça.

VII.

**L**uz de los campos es, i en luzes bellas,  
 Con las luzes del Alba competia,  
 Quando fugando exercitos de estrellas,  
 Más valiente esplendor introduzia;  
 Porque armada de lucidas centellas,  
 Se introduce en los terminos del dia,  
 Tan bella, que a sus vivos resplandores  
 Desparecen exercitos de flores.

VIII.

Con el Sol igualmente poderosa,  
 Divide los imperios igualmente,  
 El manda una campaña luminosa,  
 Ella gobierna un Cielo floreciente,  
 Sol de los campos la purpurea rosa,  
 Rosa del Cielo el Sol resplandeciente,  
 Que haziendo dias, i formando Mayos,  
 Vna esparze verdores, i otro rayos.

## IX.

Esta Divina Lizis, que cuidado,  
 Antes lisonja fuè de humanos ojos,  
 Llevando aclamaciones del agrado,  
 A su belleza licitos despojos,  
 Si ál furor discortez de viento airado,  
 Padece los sacrilegos enojos,  
 Inclínada la pompa en un momento,  
 Ludibrio buela, màs que adorno ál viento

## X.

Perdida la arrogancia, i la corona,  
 La magestad, la purpura perdida,  
 Gallarda ostentacion de super persona,  
 En debiles despojos dividida,  
 Escarmientos bellissimos pregon a  
 En el Occaso facil de la vida:  
 Siendo la luz que en ella resplandece,  
 Relampago, que luze i desaparece.

XI.

**E**xemplo; ó Lizi a tu hermosura sea  
 La que retrato fuè de tu hermosura,  
 Donde, en caducos meritos se vea,  
 Más temerosa quando más figura;  
 Si el aplauso comun te lisonjea.  
 Mira la pompa quanto espacio dura,  
 La rosa lo dirà que en vanecida,  
 Entra muriendo a principiar la vida.

XII.

Rosa de la beldad la más perfeta,  
 Que formaron milagros superiores,  
 A quien toda belleza se sujeta,  
 Como a la rosa el vulgo de las flores;  
 Si el tiempo executivo no respeta  
 Privilegios de lucidos verdores;  
 Como, prodigamente avara pierdes  
 La pompa hermosa de tus años verdes?

Retrato de Amariles.

I.

**D**ivino resplandor del Sol Divino,  
Que para ser el Sol de la hermosura,  
En vez de luzes propias, te imagino  
Centellas vivas de su lumbre pura.  
Bella Amarilis, si a mi buelo indino  
Permission tu belleza me assegura,  
Pincel la pluma, artifice facundo,  
Haré en tu nombre idolatrar el mundo.

II.

Tu felice seculo, que agora  
Testigo fuiste del mayor protento,  
Beldad la admira, Idolo la adora,  
A los bosquejos de la pluma atento;  
En vez de los aromas del Aurora,  
Humo el suspiro, fuego el pensamiento  
Dediquen a su culto, i a su gloria  
Altar el alma, i templo la memoria.

Del

III.

**D** El tesoro, que Abril, prodigo, ofrece,  
 El florcciente umbral el año abria,  
 Quando del Sol, que agora resplandece,  
 Infante luz pronosticava el dia:  
 Reyna de las beldades amanece,  
 I superior a doble monarchia,  
 Embuelta, se introduze, en luzes bellas,  
 Rosa a las flores, Sol a las estrellas.

IIII.

De rayos de oro inundacion hermosa  
 Vndoso passo por la frente mueve,  
 Arrojando compuesta, i caudalosa,  
 Ondas de luz amargenes de nieve:  
 La frente sossegada, bien que vndosa,  
 En luminosos piclagos se atreve  
 A poner, donde logre su tesoro,  
 Orillas de marfil a golfos de oro.



## V.

A plaça superior del rosto hermoso,  
 Cãpo a guerras de Amor, determinado,  
 La nieve dexa escura, i embidioso  
 El yelo intacto, i el cristal labrado;  
 Lo candido juntando i luminoso.  
 Parece el Sol del Alba acompañado,  
 Porque vniendo confines del Oriente,  
 Es el cabello el Sol, Alba la frente.

## VI.

En una, i otra parte dividido  
 Animado jardin rosas ofrece,  
 Jardin que de su ardor nunca ofendido  
 En virtud de dos Soles reverdece:  
 En tanta paz, distintamente unido,  
 El candor con la purpura florece,  
 Que en fe de su amistad vivir ordena  
 Blanca la rosa, i roxa la açucena.

Ter.

Varias Poesias.

VII.

**T**Ermino de los prados, que divide,  
Blanco se erige un edificio breve,  
Que juntarse los limites impide  
A dos jardines, arbitro de nieve, (mi  
Despues que el campo igual a entram  
En corta proporcion tanto se atreve,  
Que a los ojos se acerca, i en sosiego,  
La nieve ostenta en la region del fuego

VIII.

**B**Azis coman a doble architectura,  
Dos arcos hermosissimos sustenta,  
Arcos, donde triunfa la hermosura  
Del alma más rebelde, i más esenta;  
Armado de estos arcos asegura  
Su reino Amor, que vitorioso aumenta  
Quando, adquiriendo belicos despojos,  
Flechas dispende, que le dan los ojos

IX.

*Utiles armas de evano bruñido*

*Los tronos guardan de las luzes bellas,  
Donde imperio conseruan dividido,  
Siguro, por la union de sus centellas:  
El Padre, aqui del Ioven encendido,  
Aprende resplandor de dos estrellas,  
Fuentes de luz, do enriquecer podia  
El Mar immenso de la luz del dia,*

X.

*Una, i otra luminosa Esfera  
Mueve sus epyciclos el fosiiego,  
En cuyos resplando, es reverbera  
La luz verdor, i la esmeralda fuego.  
Elystios son de eterna primavera.  
Gloriosa habitacion dé un Lince ciego,  
Adonde haze el verdor místico ál royo,  
A Agosto verde, i encendido a Mayo.*

*Ani*

Varias Poesias.

XI.

**A** Nimado rubi, siempre encendido,  
Es erario de Amor, donde atesora  
El rocío que en nacares cogido,  
El Sol endureció, lloró la Aurora,  
Porque, de avarar risa dividido,  
Riendo en seña lo que el Alba llora,  
Perlas que el mundo enriquecido devora,  
Más, que acopioso llanto, a risa breve.

XII.

Es el cuello a la fabrica elegante  
(Rico palacio, donde Amor reposa)  
Sin columna, cristalino Atlante,  
Que sustenta la esfera luminosa:  
Al Cañero no tanto, Ave nadante,  
Manifiesta candor, en pluma hermosa,  
Quando se ofrece a círculos de espuma,  
Si ave no de cristal, peña de pluma.

## XIII;

Vbra en ofensa d' l'ossiego humano,  
 Triūfante siēpre del comun ossiego,  
 Cinco rayos de nieve en cada mano,  
 Nieve a los ojos, a las almas fuego:  
 En su poder gloriosamente ufano,  
 Sus poderes figura el Niño ciego,  
 Mano, que es, dando vida, i dando muerte  
 Alma del movimiento de la suerte.

## XIII.

¿quien mueve el ingenio? que procura,  
 De tantos Cielos Archimedes nuevo,  
 Los Cielos abreviar de la hermosura,  
 Recopilar el esplendor de Febo;  
 Incapaz de Celeste architectura,  
 Dexo la pluma, que confuso muevo;  
 Tenga, ál fin el Idolo adorado  
 Más, que de comprendido, de admirado.

Rui

Varias Poesias.

Ruyna de sumptuoso edificio.

Silva. I.

**E**ste, que a las edades obediente,  
Cadaver prodigioso,  
En troços a la tierra desparzido,  
Sino en cenizas desatado ál viento,  
Logra en la tierra formidable assiento,  
Donde piedosamente recibido  
Contrato, bien que pobre generoso,  
Firme, sino decente,  
Entre la amiga hierba  
Eternizado tumulto conserba,  
A sus perdidas glorias, i delicias,  
Cortezes, aunque barbaras, caricias:  
I las tenaces, y edras,  
Visitando nobles, i abraçando graves,  
A las desnudas, i estrangeras piedras,  
Con halagos suaves  
Resignados en rusticos abraços,  
Señas, sino de amor, de cortezia,  
Repiten cada dia.

De Paulo Gonçalvez d'Andrada. 65

A su desdicha indisolubles laços,  
A grandezas, que yazen por el suelo  
Sino arrimo, consuelo,  
Cobrando en qualquier suerte,  
Temor la vida, adulacion la muerte.  
Re, que conocerse dexa a penas,  
I en si mismo escondido,  
No se halla a si, dentro de si perdidos;  
Vn tiempo, de si mismo remontado  
Se viô de sus principios olvidado,  
Alto edificio fuè, cuyas almenas,  
Con osados sacrilegos alientos,  
En fè de sus cimientos,  
Se fueron coronar a las estrellas  
De lucidas centellas;  
Sino fuè que arrogante  
De cada almena fabriciò un Gigante,  
Que desmentidos hijos de la tierra,  
Dieron sobre sus ombros  
Al mundo todo assombros  
Leyes àl arre, i a los cielos guerra  
El viento a su grandezarespouoso,

Varias Poesias.

Registrava su aliento,  
I sobervio señor de todo el viento,  
No se atrevia el viento a su reposo,  
I tanto se excedia,

Que elevado, i constante,  
No se si fulminado, o fulminante,  
Sin alterar el imperial sosiego,  
En el horrendo ensayo

Sobervio parecia,  
Que superando el fuego,  
Mandava el fuego, i fulminava el rayo.

Agora en pobre estado

De si mismo se mirã derribado,

I en mortal paracismo

Vino a caer en si desde si mismo,

Siendo el proprio edificio

Precipitado aun tiempo, i precipicio.

Magnifico aparato le prestaron

Marmoles Griegos, por sidos Latinos,

Primor de sus primores perigrinos

Los Latinos, i Griegos embidieron,

Que en cada adorno, en termino sucinto



Se incluyó Roma, se perdió Corinto:  
Viendo sus perficiones  
Las embidias quedaron confusiones;  
La proporcion austera, i regulada,  
Que la paciencia, entonces diligente,  
Al modelo reparte,  
Alma infunde a la sciencia, i sciencia àl arte  
I el arte a sus designios aplicada  
Era prolixayà de concertada,  
I las columnas ricamente hermosas,  
Cansadas yà de puro artificiosas;  
Yà de puro cansadas, abatidas  
Al poder de los años,  
Que a sus manos vencidas  
No resistieron los postreros daños,  
Tierno vidro a sus braços  
Hizo la edad los marmoles pedaços,  
Que en tragicos fragmentos divididos,  
Seran eternamente exemplo mudo  
De lo que el tiempo pudo,  
Donde por su desdicha conocidos  
Caràcteres seran despedaçados,

## Varias Poesias.

Que dediquen su historia  
A la immortal memoria.  
O vós dos vezes bienaventurados  
Frisos, cornisas, porticos, columnas,  
Quando abatidos, quando levantados,  
Vnico exemplo de las dos fortunas:  
Glorioso objeto de comunes ojos  
Fuistes edades largas,  
Cuya hermosura entonces elegante,  
Remora fué del perigrino errante,  
Adonde a su cuidado, a su camino,  
Dos alivios hallava el perigrino.  
Agora, a tantas lastimas atento,  
En memorias amargas,  
En flebiles despojos,  
Halla el entendimiento  
Escuela adonde aprenda el escarmiento.  
Felice ò Edificio,  
A los descuidos te formò la sciencia,  
Mas harto más felice a la prudencia,  
Al deshazerte i hizo el precipicio,  
Felice te imagina.

Dé Paulo Gonçaluēz d'Andrada 67

Aun más que al nacimiento, a la ruina;  
Que en ella construido,  
Fenix de tus reliquias renacido,  
Para inmortal exemplo,  
De tus reliquias considero un templo,  
Adonde respetado i conocido  
El sacro desengaño  
Canonise sus credits tu daño.

Vida solitaria.

Silva. II.

EN esta soledad, donde escondida  
Abraça la razón los desengaños,  
Vnica habitacion de las verdades,  
A penas de mi solo acompañado,  
Viuo en mi, de mi mismo retirado  
I entre los dos umbrales de la vida,  
La pequeña distancia de los años,  
Donde siempre se muere, si es que vivo,  
De vida muerta soi sepulcro vivo.  
A esperanças inquietas  
El buelo desatar apenas oso  
Fuera de los distritos desta choça,

Varias Poesias.

Termino a sus licencias señalado,  
Adonde el alma goça,  
En la tranquilidad de su sosiego,  
No devidas al ruego,  
Al temor nõ sujetas  
Puras felicidades,  
Que ignoran la fortuna, i las edades,  
Donde alegre posseo  
Grandezas aun mayores, que el desseo.  
Solicite en buen hora el cortesano  
En los propios favores  
Cuidados, i temores,  
Qual mariposa, ciego,  
Que buscò luz, i vino a hallarse en fue  
Adonde vanamente arrepentida  
Primero que el error, dexó la vida.  
Sufra la adulacion el desacato  
Del Idolo tirano,  
Cuyo desden idolatrado en vano  
Al sacrificio, ingrato,  
Buelve en respuesta muda,  
En la resolacion la propria duda.

Ostentela arrogancia el aparato  
De las plumas biçarras de aquel Ave,  
Que arrogante, que grave,  
Vsurpò, para lucido ornamento,  
Ojos, que deve a su conocimiento.  
La confiança locamente osada  
Suba a la luz, de dõ precipitada  
Con estilo de fuego en agua escriba  
Desdichada intencion, si bien altiva,  
I qual otro Faeronte,  
Abraçe el dia, i queme el Orizonte;  
Que en mi humildad felicemente pobre,  
No embidio su grandeza,  
I poseßor de misera riqueza,  
De la encina, i del robre  
Cobro cad'año el fruto,  
Infalible, aunque barbaro tributo.  
El rustico gobierno, que exercito,  
Obediente republica es de cabras,  
Cuyas leyes remito  
A silvos mios, más que a mis palabras,  
Porque estremese el aspero cabrio

## Varias Poesias.

Observando la ley de un silvo mio,  
Prestando a mi conducta

Brutas esquadras, obediencia bruta.

Sin que la vida entregue aun fragil pino,

Ni el fragil pino ál viento,

Procurando sediento

En campo de ondas humido camino,

Que los arcanos intimos revele

Del seno del Aurora,

Donde, del oro esplendida señora,

En avaro tesoro

Guarda la Aurora el oro;

Prodigamente suele

Dulce, la Abeja, con susuros roncós,

En los concavos senos destos troncos

Depositarme en ricos minerales,

Neectar en minas, si oro nó en panales,

Dulces tesoros, que ál dispendio rico

De mi gusto dedico.

Esta pequeña fuente,

Hija habladora de un peñascó mudo,

Tan eloquente, como el padre, rudo,

Persuade el gusto; i si la sed ardiente  
A caso me fatiga,  
Con sus entrañas puras la mitiga;  
Tan clara porcediendo, i tan suave,  
Que ocultar sus secretos aun no sabe,  
Explicando, serena,  
La menor guiya, la menor arena.  
Exemplo, que conserva los candores  
De siglos mejores.  
No sospechoso, yà que no bicarro,  
Ministro fiel me la ministra el barro,  
Que toscamente exacto a su exercicio,  
Cautelas no encomienda ál artificio.  
Cama, no rica, mas segura cama,  
De blancos velos, o de verde grama,  
Sueño me ofrece i sueño no alterado  
Del sobresalto belico de Marte,  
Que ál formidabile estruendo respetado,  
Horrisono, reparte  
Terror en sus bramidos  
Primero àl coraçon, que a los oidos.  
No altera mi sosiego

Varias Poesias.

De concavos metales la violencia,  
Donde el temor, por manos de la sciencia  
Al plomo infunde espiritus de fuego,  
A effeto, dando, del postrer de smayo,  
Alas ál plomo con poder de rayo;  
Que gozan los albergues de esta sirrea  
Preuilegio de pobres con la guerra.  
Alegres ruy señores,  
Vozes pintadas, ô canoras flores,  
A cuya melodia  
Despierta el Alba, i se levanta el dia,  
Con musicas suaves  
Del sueño me despiertan,  
Quando, agudos agora, agora graves.  
Desconcertadamente se conciertan.  
Del cielo, quando el cielo se enfurece,  
Huyendo, me retiro a mi cabaña,  
Firme, por ser de caña,  
Por debil, mas figura,  
Que la más alentada arquitectura:  
Cuya corona poco respetada,  
Tirana á! fin de estraños elementos,



De estraños elementos perseguida,  
De rayos, y de vientos  
Tantas vezes se mira derribada,  
Quantas acometida,  
I acometida, quantas levantada;  
Conspiradas injurias justamente  
A grandeza insolente.  
Mil vezes cabaña venturosa,  
Cuya humildad, por pobre, poderosa,  
Si airado el Cielo en su furor se enciende  
Por poco defendida se defiende;  
A tu quietud del mundo dividida  
Consagro estos, que deve  
La consideracion a desengaños  
Harto felices años;  
I deste, que divide, espacio breve,  
Los crepusculos ambos de la vida,  
Te doy lo que pudiere,  
Dirè que vivo lo que en ti viviere.



Varias Poesias.

Naofragio.

Silva. III.

**V**estida sombras, i tocada nieblas  
Del horror, donde habita, mal figura  
(Tirana de los terminos del dia)  
Sale arrastrando lobregas tinieblas,  
Aun más escura que su misma sombra,  
La noche mas escura,  
Que en odio eterno de sus luzes bellas  
A la luz se atrevió de las estrellas.  
Horrores ál discurso introduzia  
Lo que a la vista atonita se niega,  
I a sus horrores advocando horrores,  
En tremulos vapores  
El mudo anega, quando el mudo asombra  
Assi triste, i confusa,  
Pudiera en terror tanto  
Dar espantos ál Reino del espanto,  
Quando entonces no fuera  
Esfera del horror la undosa Esfera;  
Cuyo furor acusa

Misera nao, que timida navega  
Montañas de ondas, i ondas del Lethco  
Pisando ál mar tempestuoso, i feo  
Quantas airado fragua  
Amenaçás ál mundo en mundos de agua.  
El horrido semblante,  
Que los terminés temen de la tierra,  
Feroz exasperava  
El rapido elemento, que arrogante,  
Armado de si mismo, amenaçava  
A quanto abraça, guerra,  
Haziendo agora estragos  
Los que fueron halagos,  
Porque imprimiendo memorables señas  
Las fuerças prodigiosas de sus braços,  
Haze en las mismas peñas  
Ruinas los abraços.  
De los vientos llamado, i perseguido  
Desafia los vientos,  
Buscando sin recelo  
Los passos de los vientos por el cielo;  
Donde arroja feroz ál cielo mismo

## Varias Poesias.

Pedacos suyos el undoso abismo,  
Que ofendido de indomitos alientos,  
Talvez deshecho en liquidos fragmentos,  
Moderava sus propios orizontes,  
Oculto en valles, elevado en montes,  
Haziendo, mal seguro,  
Ruinosos montes de cristal escuro.  
Y a la esferica forma prevertida,  
Proporciones admite desiguales,  
I alterada la fabrica del mundo,  
Abriendo las entrañas al profundo,  
Amenaçava terminos fatales.  
Cerrada niebla, pero dividida  
D'infauστα luz, que previniendo el rayo,  
Anuncio es triste de fatal desmayo,  
A la vista suspensa  
Lo que alivio penso traduxo ofensa,  
Quando, del parto adultero ofendida,  
Arroja con la vida  
Preñada nube, bibora volante,  
En horrifona ofensa del sosiego,  
De elada concepcion hijos de fuego;

De Paulo Gonçalvez d'Andrada. 72

En cuyos resplandores afligido  
El navegante, en los peligros ciego,  
Ciego, i dudoso, advierte  
Los proñtereros agravios de la suerte.  
Quanto el oido tímido escuchava,  
Tanto le amenaçava  
Aun más muertes, que voces repetia  
El viento, que queria  
Perturbar iracundo  
Con voces roncadas la quietud del mundo.  
Ay del que escucha, i mira,  
El furor con que brama, i con que lucha,  
Que esmuerte lo que mira, i lo que escucha  
Interniendo los efectos d'ira,  
Corre el baxel dudoso  
A misera fortuna cõduzido,  
Del viento ofendido,  
A discrecion del viento,  
El viento le servia  
De ofensor, i de guia;  
En golfo peligroso,  
Navegando por el humido elemento,

Ve.

## Varias Poesias.

Veloz, se determina  
A buscar su ruina,  
Porque en la que le aflige  
Necesidad de subitos occursos,  
Le llevan ál peligro los discursos:  
Al dictamen, rebelde, que le rige,  
De su fortuna el misero dictamen  
Sigue miseramente el leño incierto,  
I siendo el daño cierto  
A los pilotos riguroso examen,  
Desatina el acierto,  
Confundese la ciencia,  
I tropicça en si misma la prudencia.  
Al fin incorregible a la doctrina  
Del piloto, aunque experio, bacilante,  
Corre el baxel errante  
Donde le lleva su destino i donde  
De su esfera peñasco desasido,  
En estrañas regiones admitido,  
Para desdichas ultimas se esconde;  
Peña, que ál fin inmobil peregrina,  
Habita en reino estraño,

Donde, en perpetuo daño,  
En vengança del húmido elemento,  
Sirve de estrago, más, que de escarmiento:  
Yà sierpe entre las ondas escondida,  
En la campaña undosa,  
Fué a la nao (que afligida  
Encomendò la vida  
A carrera, si tímida, ligera)  
Fin a su vida, estorvo a su carrera.  
Donde alentada aun tiempo, i temerosa  
(Effetos diferentes,  
Del viento, que con impetus vehementes  
Más desanima, quando más alienta)  
Es fuerça el daño, i su peligro aumenta;  
Pagando a escollo infausto  
Quantas deve delicias ál Aurora,  
Ostentacion agora  
De la miseria, como yà del fausto,  
Siendo, en exemplo ingrato,  
Espectaculo triste el aparato.  
En tragicas porciones desatada  
Expone ál Oceano

## Varias Poesias.

Quantas, una feliz otra industriosa,  
Arabia le fiô prestô Bengala,  
Riquezas, que una texe, i otra exala.  
Al cielo sube, pero siempre en vano,  
En su llanto anegada,  
Razon confusa, i queixa declarada  
De la turba maritima, que adierte,  
En las ondas perdida,  
Cerca la propria vida,  
Aun más, que de las ondas, de la muerte,  
Quantas responden àl confuso acento,  
Lenguas del fuego son, voces del viento  
Con que el cielo pronuncia los decretos,  
Que contra su ardimiêto en sus despojos  
Al poder consultaron los enojos.  
Deshecha al fin, mas antes consumida,  
En horridos effetos,  
Hizo (implacable àl ruego)  
Voraz, el agua, execucion de fuego;  
Que en suspiros, i llanto,  
En confusion, i espanto,  
Retratando el Averno,



Llamas las ondas son, i el mar infierno.  
Se pues Chaos, escuro,  
Do tan poco difiere  
La muerte de la vida,  
Que el, que la vê perdida  
En solio mal seguro,  
Sabe distinguir mal si vive, o muere:  
Si bien en los extremos de la suerte,  
A donde todo es muerte,  
En terror tan extraño  
La muerte viene a ser el menor daño;  
Lo poco, que de vida le quedava  
Al mar encomendava  
(Al mar, contra su vida conjurado)  
No frago navegante, que arrojado,  
A poco leño azido,  
Arion primero deste mar á sido.  
A sus querellas pues, sino a su canto,  
Engolfo tormentoso,  
Piedoso leño fuè Delfin piedoso,  
Donde, en peligro tanto,  
A sorbido del mar, yà vomitado,

## Varias Poemas.

Las ondas mismas de furoros llenas  
Lo llevan por la muerte a las arenas;  
Cuyo favor nocivo  
Entre los muertos lo dexò mal vivo.

Tá restaurada a penas  
La porcion mal figura,  
Que robò del peligro la ventura,  
Resulta de las ondas escapada,  
Vida màs ofendida, que animada;  
Mira las ondas desde tierra, i luego  
Incredulo àl sosiego, i alterado  
Del peligro pasado,  
Niega disposicion a su sosiego;  
Que el daño, por temido  
Aun mirado mayor, que padecido,  
Padecido le advierte  
Màs horrendo el peligro, que la muerte  
Dudoso el Sol, sino desalumbado,  
Enfrenando los brios de Piroo,  
Retardava la esplendida carrera;  
I de su propria Esfera  
Al tragico teatro lastimado,

Apenas a assomarse se resuelve  
A los balcones lucidos de Eoo,  
Donde, confuso álfín, aun tiẽpo embuelve,  
Afigurando timidas bonanças,  
Rayos, i sombras, miedos, i esperanças;  
Sino fuè, que a sus luzes rebelada  
Conjuracion de nubes porfiada,  
A sus luzeros oponiendo horrores  
(Sacrilegos alientos de la tierra)  
Le estorva entradas, i presenta guerra:  
Pero vencida a fuerça de esplendores,  
Tomante fue de luz, que al duro ensayo,  
A cada nube dirigido vn rayo,  
Dexava en un momento  
Desocupada la region del viento,  
I libre, ál mundo lobrego ofrecia  
La luz abierta, i declarado el dia.  
El mar a tantas luzes respetoso  
Suspende el movimiento,  
I respetoso el viento  
Al rayo poderoso.  
Depuso su furor, i en pasmo inmenso

## Varias Poesias.

Libró sus alas, i quedó suspenso.  
En tanto por las ondas derrocada,  
Sino Ciudad volante, torre alada,  
Se representa en febles despojos,  
Y á de comunes ojos  
Lastima agora, la que à sido agrado  
De quantos con los ojos, i el cuidado  
Al partir la siguieron,  
Quando a los aires vieron,  
Que alegre desatava, i despendia  
Banderas, i alas, con que alada, i grave,  
Al aire introduzia  
Confianças de torre, i buelos de ave.  
I aquella, que por climas diferentes,  
En desprecio de entrambos elementos,  
Las ondas, i los vientos,  
Fatigava, i prendia,  
I en su orgullo trahia,  
Con priçiones de lino, i pies alados,  
Sujetas unas, otros vinculados;  
De los vientos agora, i de las ondas,  
Con impetus vehementes

Exasperados en las grutas hondas,  
Yá contra su insolencia exasperados,  
Inítamente ofendida,  
Depone la insolencia con la vida,  
Tempo de Marte, mas que nunca airado,  
El campo de Neptuno parecia,  
Quando el furor en el confliuo feo  
Busca más la vengança, que el trofeo,  
I la fuerça se inclina,  
Antes que a la vitoria, a la ruina,  
I en detrimento de su propria gloria,  
Los triunfos escusa a la vitoria,  
Porque el mar de cadáveres poblado  
Quanto ál viento en despojos ofrecias  
Aunque el rigor hazia  
De varias suertes una misma suerte,  
Es todo destrucion, i todo es muerte.  
Viendo su hazienda alli, viendo su vida  
Vna mal reparada, otra perdida,  
Mi Perigrino pues, desde la arena,  
Con lagrimas de pena,  
Esto le dixo ál mar, dando al acenno

## Varias Poesias.

Voz el dolor, razon el escarmiento;  
Esta, que de tus ondas escapada,  
Parte postrera de la vida mia,  
Que tantos años (todos engeñada  
De falsa siempre, si esperança alguna)  
Aun más, que mia fuè de mi fortuna;  
Retiro, ô mar de tus peligros tarde;  
I en manos de tu perfida mudança,  
Sino de generoso, de cobarde,  
Renuncio tu esperança,  
Que escarmientado en suerte mal figura,  
Si a la quietud por las tormentas llego,  
A mis naufragios deverè el sojsiego,  
I a tus conjuraciones la ventura,  
Que no es pequeño bien en tanto daño,  
Que me lleve mi mal àl desengaño,  
I haga en favor mio  
El escarmiento más, que el alvedrio.  
Dada mucha esperança a poco leño,  
I en poco leño àl viento encomendados  
Designios, i cuidados,  
Que bonanças advierte

De Paulo Gonçalvez d'Andrada. 77

Sobre los vientos mal fundada suerte?

Quando, airado tu ceño,

Si alguna vez risueño,

En entrambas fortunas poco estable,

Creditos solicita por mudable?

Al fin de tus mudanças provocado,

En estrañas regiones perigrino,

Fiê a tus ondas elevado pino,

Que en el monte, elevado,

De puntas de esmeralda coronado,

De lisonjas del viento obedecido,

Obsoluto señor del Horizonte,

Fuè Monarcha pacifico del monte;

En fragmentos agora desparcido,

Se mira en un momento

Burlar del agua, i despreciar del viento,

Siendo en vengancas tuyas,

Desdichas mias las afrentas suyas.

Publicos fueron a derrotas mias,

O mar, quantos arcanos

Aun a tus mismas ondas escondias,

Quando, con los peñascos atrevido,

## Varias Poesias.

Mil veces en la tierra introduzido,  
Con alientos tiranos,  
Vás a mirar los senos,  
Que avara guarda de riquezas llenos.  
A donde (ô quantas vezes) mis entenas,  
Contando con los huesos las arenas,  
Vieron, yâ de querellas, yâ de huesos  
(Testimonios de tragicos successos)  
En lamentables señas,  
Bramar las ondas, blanquear las peñas,  
Dexando sus hazañas prodigiosas  
Infames las arenas más famosas;  
En cuyas ondas rapidas perdida  
Quantos, goçando la postrer bonança;  
Dexaron la ambicion con la esperança,  
I quantos la esperança con la vida!  
O muchas vezes de memoria indino,  
Mas antes digno, de que la memoria  
Lo borre de sus inclytos anales,  
El que abriendo camino a tantos males,  
A desdichas con titulo de gloria,  
Por las ondas del mar abrió camino,



Dé Paulo Gonçaluez d'Andrada 7

Dando, en infeliz suerte,  
Nuevas jurisdicciones a la muerte.  
A penas a las ondas leño errante,  
En oprobrio del viento,  
Dió la ambicion, aun más, que el ardimiento;  
Disculpando, en excessos de erguloso,  
Brios de osado, effetos de ambicioso;  
Quando seguido, en vez de condena...o,  
Deshecha fué siguiendo su ventura  
Idalica espessura,  
Que a naves reduzida,  
Passó a la mar las arboledas de Ida,  
Llevando a estraña tierra  
El aire leños, i los leños guerra.  
Quantas vezes despues el mar á visto,  
Por su jurisdiccion monstro pagante  
Armado nadador de leños corbos,  
Menos preciano estorvos,  
Libre, dexar con temerario buelo  
Cõculcados los terminos ál suelo;  
I las luzes dexando de Calisto  
Al contrapuesto polo

Ten-

Varias Poesias.

Tender las alas, donde llega apenas  
El resplandor de Apolo,  
Terminos visitando, alado, i grave,  
Por la region undosa,  
Vnos adonde el Sol llegar no sabe,  
Otros de donde el Sol pasar no oja,  
Dexando, en sus pendones perigrinas,  
Las fortunadas Quinas  
Escrito su ardimento  
En el papel diafano del viento.

Que senos pues, que incognitas arenas  
Siguras tiene el mar de su osadia,  
Si las que el mar encierra,  
Islas, que desatadas de la tierra,  
Parece que en el mar guardar queria,  
Le obedecen al fin, siendole en vano  
Muro las rocas, foço el Oceano.  
O quantas ál nacer, ál morir quantas,  
Mira la luz del dia,  
Veleras aves, sino aladas plantas,  
Con fervidos alientos  
Poblar los mares, i ocupar los vientos?

Llegando a tanto extremo de osadia,  
Que àl trato fian de las ondas fieras  
Vagantes las republicas enteras;  
A cuyo buelo ufano  
El Sol defiende en vano  
Quantas riquezas en adorno eria  
De su cuna abrasada, i tumba fria.  
Que arnez de piedra, que escondida vena,  
A industria diligente,  
Si de codicia llena,  
Puede negar agora  
Quanto sudan los poros de Occidente,  
Quanto lloran los ojos del Aurora?  
Siendo tributo a la ambicion agena,  
Dè aquellas tierras, i de aquellos mares  
Oro a millones, perlas a millares;  
A cuyas, aunque barbaras arenas  
Màs de codicia que de viento llenas,  
Tantas velas sollicitas llegaron,  
Que superando la comun costumbre,  
Por la grandeza, i por la muchedumbre,  
En sus ondas miraron

## Varias Poesias.

Atonitos aquellos horizontes  
Nadar las selvas, i bolar los montes.  
Las mas, si todas no, tal vez perdidas,  
Hallaron affligidas  
En un engaño ciego  
La desdicha a las puertas del sosiego:  
I escarmentadas mal en tantos males,  
En sus mismas ruinas fabricadas,  
(Fenix la menos agil, que atrevida  
En su cada ver fabricó la vida)  
De leños enplumada,  
A las puertas repiten Orientales,  
Adonde la ambicion, sino el engaño,  
Disculpa el buelo, i facilita el daño.  
Yà, mar, de tus engaños retirado,  
Quiero en mi corto abrigo,  
Pues vivo para mi, vivir conmigo;  
Adonde aunque de bienes pobre i falto,  
La perdida me escuse el sobresalto;  
Que en la recordacion del mal passado,  
Tendrè por suerte menos de dicha,  
Aunque en ella me vi, la que es passada.

**R**ayos son los que recello,  
Ojos, en vuestro arbol,  
En la hermosura, del Sol,  
I en los effetos del Cielo.  
Porque en mi desasosiego,  
Mi desdicha, i su rigor,  
De rayos de resplandor  
Los hizo rayos de fuego.  
A donde remedio pida  
Mal sabrá determinar,  
Quien vá la vida a buscar  
Adonde pierde la vida.  
Tò de vuestros rayos muerto,  
Buscar vuestros rayos voy,  
I assi, de un peligro, doy  
En el peligro más cierto.  
Tal la mariposa trata  
Al resplandor, que no estraña,  
Porque como luz, la engana,  
I como fuego la mata.

Estrel.

## Varias Poesias.

Estrellas sois desta suerte  
En el rigor, i luz pura,  
Que encubrẽ có la hermosura  
Las amenazas de muerte,  
Mas si en vuestras luzes bella,  
En sucintos arreboles  
sobra luz para ser soles,  
Porque quereis ser estrellas?  
Si es, porque imperio quereis  
En la vida que me dais,  
Por crueles no querais  
Lo que por bellos teneis.  
Como viuen juntamente  
En las luzes donde vivo  
Lo cruel, i lo atractivo?  
Lo divino, i lo inclemente?  
O milagro perigrino,  
Que con ninguno se mide,  
Que lo atractivo despide!  
Que mal trata lo Divino!  
El alma os odora, i creo,  
Segun su conocimiento,

Que

Que en naciendo el pēsamiēto,  
Luego se muere el deſſeo.

I en adoracion tan pura,

Que ſin deſſeo ſe aplica,

Si el alma ſe os ſacrifica,

No ofende vueſtra hermoſura

Mas antes fuera ojos claros,

Quando un alma llega a veros

Ofenſa, no conoceros,

Sacrilegio, no adoraros.

Mas ſi con aētos tiranos

A mi mal no ſois benignos,

Lo que os ſobra de divinos,

Os pudiera hazer humanos.

Que no ſiempre el cielo airado,

Fulmina rayos de fuego,

Humanar ſe ſuele àl ruego,

Admitir ſuele el cnidado.

Porque el encendido aſſero

Entre las llamas de Amor,

Por impulso ſuperior,

Se ſube a lo mäs perfecto.

Varias Poesias

Otras.

**A**mor a callar me obliga,  
 Mas si me obliga por fuerça,  
 Diciendo, que Amor me fuerça  
 Será fuerça, que lo diga.  
 Callar, mi dolor no puedo,  
 Pues disculpando el temor,  
 Lo que no dize el dolor,  
 Lo viene a dezir el miedo.  
 Però que importa el callar,  
 O que importa el padecer,  
 Quando vive el merecer  
 Tantas leguas del penar.  
 Que importa que calle el labio,  
 Si quando más presumi,  
 Lo que es temerario en mi,  
 Aun no llega a ser agravio.  
 Que en distancia tan inmensa,  
 Que no admite proporcion,  
 La mayor resolucion  
 Aun está lexos de ofensa.



Mal puede en esta conquista  
Merecer el sentimiento,  
Si el mayor atrevimiento  
Se queda a perder de vista.  
Ay del cuidado atrevido,  
Que entre desvelos y llanto,  
No puede aspirar a tanto,  
Que espere verse ofendido.  
Que espera pues el cuidado,  
Si en las glorias, que procura,  
Aun le niega la ventura  
Presumir de despreciador  
I determinado a penas,  
A tantas penas se ofrece,  
Que con ver que las padece,  
Aun no merece las penas.  
En tormento tan cruel,  
Quando perdido lo siento,  
Voy llamando el pensamiento,  
I voy perdido traz el.  
A su perdicion le obligo  
Porque, viendolo perder,

Varias Poesias.

*Mal me deve obedecer,  
Quando sabe que lo sigo,  
Y à no temo, aunque el temor  
Me vá obligando a sufrir:  
Porque dexarse morir,  
No dexa de ser valor.*

DECIMAS.

A hũa dama que se ausentou.

I.

**E**N dos partes dividida  
Te sigue el alma, i se quedã,  
Para que assi vivir pueda  
Vna alegre, otra afligida,  
Assi lograda, i perdida,  
En estado tan dudoso,  
Tiene tormento, i reposo,  
Como el monte levantado,  
Que es la mitad sossegado  
La mitad tempestuoso.

Mas

II.

Mas si á sido tan dichosa  
La parte que te siguió,  
Para que se dividió,  
Fuera toda venturosa?  
Mas en la ausencia penosa  
No quize perder la accion  
Por la pena al galardón,  
I assi tengo, en males juítos,  
No vida para los gustos,  
Vida para la passion.

III.

Quedar con vida sin verte  
Brio fuè, no cobardia,  
Pues dexè del alma mia  
Parte, en que sièta mi muerte;  
Mira, que pena tan fuerte,  
Pues solo sirve el vivir  
De penar, i de morir;  
I en vida tan afligida,  
Solo tengo aquella vida,  
Que basta para sentir.

## Varias Poesias.

### III.

En esta ausencia tan carã  
Sobra, pues que no te veo,  
Para matarme el deseo,  
Quando el dolor no bastaras;  
Mas en tanta muerte, avara,  
Suspende por mas rigor,  
Los effetos, no el dolor,  
La muerte, no la violencia,  
Porque no cobre la ausencia  
Lo que se deve ál amor.

### V.

Ministras el coraçõ  
Los buelos de la memoria  
En suspenciones de gloria  
Ocasiones de passion;  
I de la imaginacion  
Haziendo verdugo fiero,  
Si acaso alivios espero,  
Amor, en mi daño ordena,  
Por alivio de la pena  
El mismo mal de que muero.

Pero

## VI.

*Pero dura el alegría*

*En quanto dura el engaño,  
I buelvo a tener por daño  
Lo que por gloria tenia;  
I bolviendo el alma mia  
A padecer, i llorar,  
Me comienza a atormentar  
Ver, que pudo el tiempo hazer  
La causa de mi plazer,  
Ministro de mi pezar.*

## RIGORES.

**L** *As voces de mi dolor  
Escucha, Belisa, un dia,  
I alcançará mi porfia  
Lo que no pudo mi amor;  
Los rayos de tu rigor  
Suspende un espacio breve  
Mira, que allanto me mueve  
El ver, que contra mi ruego  
Despida rayos de fuego  
Un coraçon, que es de nieve.*

## Varias Poefias:

### II.

A mis queexas, i a mi llanto  
Das en negar las orejas,  
Como si fueran mis queexas  
Lo que al aspid el encanto;  
No podran mis voces tanto,  
Que ablanden tu pecho fiero,  
Pero solamente quiero,  
Y á que lo quieres assi,  
Pues á fin muero por ti,  
Que sepas, que por ti muero,

### III.

Sabe, á l menos mi passion,  
I quando no te lastimes,  
Ser á fuerca que la estimes,  
Por acreditar tu accion;  
Mirará tu sinrazon  
Las ruinas de mi pecho;  
I quedaré satisfecho  
De mi muerte, i tu vitoria,  
Solo cõ ver, que hazes gloria  
De los estragos que ás becho.

A un.

## III.

Aunque el alma se rindió,  
 Baste, que en su abono vco  
 Que la admities por trofeo,  
 Si por sacrificio no;  
 Dexeme quien me venció  
 Que a sus triunfos azido,  
 Me precie de bien perdido,  
 Que si es lisonja àl dolor,  
 No es falta del vencedor  
 El credito del vencido.

Effeitos da fermosura diferêtes

**T**V roſtro, airado, o sereno,  
 La vida, i la muerte dá,  
 Como el aspid, donde está  
 La triaca, i el veneno,  
 Remedio àl mal en que peno  
 Me ofrece quien mal me trata  
 I piedosamente ingrata  
 En el remedio, i la herida,  
 Tus ojos me dan la vida,  
 Quando tu crueldad me mata  
 De

# Varias Poesias.

## II.

De los rayos de tus ojos  
Para tus ojos apelo,  
Porque pueden, como el cielo,  
Dar, i quitar los enojos;  
De mi alma los despojos,  
En cenizas convertida,  
Como Fenix encendida.  
Aguardan, que a sus desmayos  
Les den la vida los rayos,  
Que les quitaron la vida.

## DES DEN S.

**E**N tu sinrazon mi ruego  
Halla, quando más se atreve,  
Oposiciones de nieve  
A pretenciones de fuego;  
Mas si mi desasosiego  
Muda estílo en dolor tanto,  
Vengo a ver en nuevo espáto  
Que, trocados los effetos,  
De rayos son los decretos,  
Les peticiones de llanto.



## II.

*Injusta razon de estado,  
Si a caso razon à sido,  
Te defiende del rendido,  
I se offende del cuidado;  
Si del merito obligado  
Me aventuro a padecer,  
Lizis, como puede ser,  
Que te quieras resistir  
De aquel, que llega a ser vir,  
Como si fuera a ofender?*

E M



Varias Poesias.

EM LOVVOR DA SE  
nhora D. Vilante da Silveira,  
iincreivel, & prodigioso en-  
genho de nossos tempos.

I.

**P**ara que tu nombre viva,  
I àl cielo subir presuma,  
Buele ó Violante en tu pluma  
I con tu pluma se escriua,  
Termino en vano prescriua  
A mal creidas verdades  
El tiempo con las edades,  
Pues vâ a buscar en cielo  
Inmensidades tu buelo,  
I tu pluma eternidades.

II.

En dudosa estimacion  
Te acredita lo increíble,  
Donde saca un imposible  
De la duda la opinion;  
Pague al fin la admiracion

*Dendas del conocimiento,  
Que de tu merecimiento  
Credito no poco fuè,  
Que adonde llega la fè,  
No llegue el entendimiento.*

III.

*Dulce estílo, modos graves,  
Alto estudio, ingenio solo,  
De los tesoros de Apolo  
Te ministraron las llaves;  
I pues de tropos suaves  
Tu sola señora estas,  
Musa de España seràs,  
Seras ál ingenio mio  
Euterpe, Thalia, i Clio,  
Si ser Violante no es más.*

De



Varias Poesias.

De quien me quita la vida,  
Muriendo no le quexarme.

GLOSSA.

**V**ivo en los males contento  
En que por momentos muero,  
Porque solamente quiero  
Vivir para mi tormento;  
Gusto de mi sentimiento,  
I siguiendo a mi homicida  
Voluntaria, aunque rendida,  
Doyle vida a sus vitorias,  
Por tener parte en las glorias  
De quien me quita la vida.

Procurando en su rigor  
De tantas muertes alguna,  
Voy siguiendo mi fortuna,  
Por gozar de mi dolor;  
Que aya que estodo miedo amor  
Y á no puede acobardarme  
El mal, que puede matarme,  
Que

*Que de puro hecho a morir  
Sin quejas, no sé vivir,  
Muriendo, no sé quejarme.*

## LETRILLA. I.

Arroyo, que presumido,  
Teries de mi dolor,  
Pára, aver a quien adoro,  
I verás, como mata de amor.

**A** rroyo, cuyos despojos  
Mares de llamas an hecho  
Los incendios de mi pecho,  
Los diluvios de mis ojos;  
Si estranando mis enojos  
A caso te causa espanto  
Tanto fuego, i tanto llanto,  
Sin que sepas mi dolor;  
Pára, aver a quien adoro,  
I verás, como mata de amor.

## Varias Poesias.

Suspende arrogancia tanta,  
Que el tesoro, que conduzes,  
El oro deve a sus luzes,  
I las perlas a su planta,  
Es Sirena, quando canta,  
Basilisco, quando mira,  
mas si àl alma que suspira  
Acusas tanto dolor;  
Pàra, a ver a quien adoro,  
I veràs, como mata de amor.

Soles son sus luzes bellas,  
I a poder de negros rayos,  
Al Sol le causan desmayos,  
Como el Sol a las estrellas:  
La menor de sus centellas  
Es un diluvio de fuego;  
No signro tu sosiego,  
Si te ofreces a su ardor;  
Pàra, a ver a quien adoro,  
I veràs, como mata de amor.

LETRILLA. II.

Arrullava la tortolilla  
 Mãdre en el olmo:  
 Si aprendiẽse mi niõo;  
 De amor el tono!

**A** Vesilla, que en ser triste  
 Mis sentimientos igualas,  
 Pues à fin de un Dios con alas  
 Tus alas no redimiste,  
 Canta el mal en que me viste,  
 Mientras te escucha mi bien,  
 Que vencido su desden  
 Sirviera a tu voz de abono,  
 Si aprendiẽse mi niõo  
 De amor el tono.

Pues que la niõa tirava,  
 Que desmentir determina,  
 Preeminencias de Divina  
 Con insultos de inhumana,  
 M                      Tierna

Varias Poesias.

Tierna a tu voz soberana  
Blandos oidos aplica;  
Mi dolor le significa,  
I los celos te perdono,  
Si aprendiessa mi niña  
De amor el tono.

Si es que tu vista se atreve,  
Verás en su arrebol  
Con rayos negros un Sol,  
Arder en llamas de nieve;  
Como àl Alva se le deve  
La musica de las aves;  
Seran tus tonos suaves  
Mi remedio, i tu abono;  
Si aprendiessa mi niña  
De amor el tono.

Cuentale âl fin mi dolor  
Por tu boca articulado,  
I trate de un Dios alado  
Vn alado embaxador;  
Si viste plumas Amor,  
Despache nuncio de plumas;

Iquan-



*I quando tanto presumas,  
No fuera pequeño abono,  
Si aprendiese mi niña  
De amor el tono.*

## Romance. I.

**M**irando vuestra hermosura,  
Luzes, figo, i rayos temo  
Ambos effetos de amor,  
I effetos ambos del ciclo.

Temerario, i temeroso,  
Viuo cobarde, i sobervio,  
Sobervio, porque os adoro,  
Cobarde, porque os ofendo.

Sin licencia del discurso,  
Se aventura el pensamiento  
A glorias, que puso Amor  
Más allá de los deseos.

○ nunca vista hermosura,  
Respetada en los silencios,  
En los temores servida,  
I ofendida en los extremos.

## Varias Poesias.

Buscado hazeis el peligro,  
I despreciado el remedio,  
Pues a socorrer la vida,  
Huyo, para donde muero.  
Quando fuè agravio el servir?  
I quando, señora fueron,  
Ofensas los sacrificios,  
Las voluntades, defetos?  
I vós, soberanos ojos,  
Que, en virtud de rayos negros  
Sois segundo Sol àl dia,  
Al Sol agravio primero.  
Quando el alma os sacrificio,  
Porque hazeis, ojos serenos,  
Quitando el merito àl culto,  
La obediencia atrevimiento?  
Adoraciones devidas  
Màs son decoros, que excessos,  
Porque llegar a adoraros,  
No es passar de obedeceros.

Romance.

II.

**P**ara que tanta hermosura,  
Si de vuestro resplandor,  
Cada centella es un rayo,  
I cada rayo es un Sol?  
Sobra luz, i sobran flechas,  
Si es que en una, i otra accion  
Quereis ser Sol en lo hermoso  
En lo poderoso Amor.  
La admiracion os venera,  
El conocimiento no,  
Que a beldad incõprehẽsible  
Esculto la admiracion.  
En lo que de vos entiende  
El pensamiento alcançò  
Eternidades de gloria,  
En momentos de apreheñsion  
O del alma que os adora,  
Venturosa perdicion,  
Prizion, adonde la pena  
Es lisonja del dolor,

14  
Varias Poesias.

Hermosissimo misterio,  
Donde la razon ballô  
Razones, para perderse,  
Solo en la contemplacion.

Belleza, en cuyos extremos  
Conoce quien os mirô,  
A la admiracion principio,  
Limite a la perfeccion.

Divino imposible, a quien  
De imposibles fabricô  
Por los niveles del gusto  
Suil imaginacion.

Causa sois de mis desdichas,  
I premio de todas sois,  
Porque lo dificultoso  
Escusa satisfacion.

La felicidad de Arabia,  
De la mañana a el candor,  
Lo mäs risueño de Abril,  
I lo mäs puro del Sol.

Divididamente unidos,  
En conforme distincion,

Forman en vos de milagros  
Otro milagro mayor.

El alma se os sacrifica,  
I en abono de su ardor,  
Aguapublica en los ojos,  
Que es fuego en el coraçon.  
I entre las glorias, que mira,  
Llora en confuso dolor,  
A concertadas estrellas  
Sacrilega oposicion.

## Romance. III.

**E**L Sol, que en llamas vivia  
Vino a morir en cristales,  
Quando a los cristales frios  
Baxava, para bañarse.  
Aquel dia, aver el Sol,  
Salió la Aurora a la tarde,  
Porque a la tarde Belisa,  
A ser nueva Aurora Jale.  
Al valle le restituye,  
I con ventajas del valle,

## Varias Poesias.

Más adornos en dos soles,  
Quando los de un Sol le faltē.  
Si bien entre tantos rayos  
Teme de nuevo abrasarse,  
I de soles más hermosos  
Arguye incēdios más grādes.  
A las ofensas del Sol  
Alivios busca eficaces,  
Sin ver, que agravio, que huye  
Configo misma los traye.  
Las auras, que solicita,  
Vozes que exprimen los aires  
En las exequias del Sol,  
Que en tumba de vidros yace.  
Su hermosura lisonjean,  
I en acentos agradables,  
Ambar son articulado  
Los espiritus, que esparcen.  
Sino fuè, que el ciego lince,  
Niño Dios, tierno Gigante,  
Valiente señor del fuego,  
Libre morador del aire;

A su

*A su belleza obediente  
Las ligeras alas bate,  
I los ardores mitiga  
El que fomentarlos sabe.  
Virtud de tanta hermosura,  
Que poderosa, i suave,  
Alivio de los incendios  
El mayor incendio haze.*

Romance.

III.

**Q***ue sonoramente canta,  
Que tiernamente se queixa,  
El Arion destas aguas,  
El Orfeo destas selvas!  
Tiernamente canta, i llora,  
Al dulce son, que conciertan,  
El aire contra las ondas,  
Las ondas contra las peñas.  
Atentas àl dulce canto,  
Blandas a la queixa tierna,  
Vnas enfrenadas paran,  
Otras desatadas buelan.*

Sus

Varias Poefias.

Sus lagrimas, i sus voces,  
Confusamente encomienda,  
Vnas a poblar el aire,  
Otras a sembrar la arena.  
Celos llora de vna Ninfa,  
Que logran estas riberas  
Para pena de las almas,  
Para alivio de las penas.  
Ay dixt, bella inimiga,  
Tan mudable, como bella,  
Cielo al fin en la mudança  
Tanto, como en la belleza.  
A manos muero de un mal,  
Que Amor por su mal engēdra  
Celos lo llama el temor,  
La confianca sospechas  
Tiranos son de las almas,  
I de sus padres heredan,  
El veneno de la embidia,  
I del Amor las saetas.  
Con armas tan diferentes  
Quierē que dos vezes muera.  
Vna,



Vna, por tormentos propios,  
Otra por dichas agenas.

Inimigos son de amor,  
Pero unidos en mi ofensa  
Ordenan, que amante viva,  
Para que celoso muera (pechas  
Ay que muero de amores, i de jos  
Con veneno una muerte, otra cõ  
(flechas.

Romance. V.

**E**ncendido el rostro hermoso  
De las llamas, que en su pecho  
Enciende un dolor antigo,  
Fumenta un cuidado nuevo.  
Iguala Lizis divina  
Bellezas i sentimientos,  
Pues las rosas de su cara  
Purpurean con su fuego.  
Su dolor en tierno llanto  
Destilan sus ojos tiernos  
I parece en llanto, i rosas  
La precursora de Febo.

Vni-

Varias Poesias.

Vuidos aplausos logra.

De contrapuestos luzeros,  
Del Hespero, por lo triste,  
Del Aurora por lo bello.

Vna ausencia imaginada

Llora con tantos extremos,  
Que pudiera la verdad,  
Si pudo tanto el recelo.

A la causa que a divina

Anticipa los effetos,  
Que los agravios del alma  
Nacen con el pensamiento.

El ambar articulado

De su dulcissimo aliento,  
Se lo robavan las flores,  
Se lo escuchavan los vientos.

I entre abrasados suspiros,

I entre desmayos de yelo,  
A sus lagrimas robados  
Dize estos dulces acentos.

Essa vida que aventuras

No estuya, querido dueño,

I no procedes harrado  
En aventurar lo ageno  
Muerte me dan por dos vezes  
Dos accidentes diversos,  
El peligro, con que partes,  
El cuidado con que quedo.  
No te admires, dueño ingrato,  
Si anticipada, me quexo,  
Porque me quexo del alma,  
Donde nacen los intentos.  
Tô murirè por tu gusto  
A manos del sentimiento,  
Que antes que lleguè los daños  
Me mata lo que los temo.  
Murirè, mas transformada,  
Tus passos irè siguiendo;  
En lagrimas por la mar,  
En suspiros por el viento.  
Reducida a llanto i quexas  
Bien como Pirene i Eco,  
Murirè como las dos,  
Pues más, que las dos padesco.  
Asi

Varias Poesias.

Assi dize, i a sus voces  
El aire estuvo suspenso,  
Los arroyos se pararon  
I las peñas se movieron,

Romance. VI.

**P**Or mal distintas lisonjas  
De confuso resplandor,  
Me llevan las esperanças  
A la desesperacion.

Glorias a perder de vista,  
I aun de imaginacion.  
Penas son por evidencia,  
Venturas por ilusion.

Esperança assigurada  
De gloria, que no llegó,  
Poderes traye de ofensa  
En lenguaje de favor.  
Si agradecida prometes  
Satisfaciones de amor,  
Como viene a ser castigo  
Lo que das por galardón?

Assi;

*Affigurado, i dudoso*

*Si guiendo mis daños voy,  
De esperança, en esperança,  
O de temor, en temor.*

*Remedio à mal prometiste,*

*Mas remedio, que tardò,  
Executa los effetos  
Por la parte del dolor*

*Socorro tarde ofrecido*

*Desacredita la accion,  
Que el que d'espacio remedia  
Tiene algo de matador.*

*Si prometer es piedad,*

*I executar es valor,*

*Tardar será tirania,*

*No llegar será traicion.*

*¿y que lisonja, mas ay que rigor?*

*¿quien vió Iacinta, rigor tan extraño,*

*que es el favor en favor de mi daño,*

*or que me mata, mi proprio favor.*

*¿y que lisonja, mas ay que rigor?*

## Varias Poesias.

### Romance. VII.

**A** Tus rigores cobarde  
Perdon pide el sacrificio  
Teme, lacinta, la fe,  
Que más hiziera el delito?  
Amor en sus osadías  
Disculpas pide a si mismo,  
Confiado, como Dios,  
Temerario, como niño.  
Quien se atreve, te obedece,  
Que no seguirte atrevido,  
Fuera negar ál Iman.  
Los poderes de atractivo,  
Tus violencias obedesco,  
No se quexe, si le sigo,  
Iman, que en ser procurado,  
No passa de obedecido.  
Quien culpa de temerario  
El fuego que perigrino,  
Perdido ál fin de su esfera,  
Và tras su esfera perdido.

Esse-

Effetos tuyas condenas,  
 Pues atrevimientos mios  
 Llamas son de tu hermosura,  
 Que buelven a su principio.  
 Si a los peligros me arrojó,  
 Verás en mis desatinos,  
 Si esgrãde el mal, que procura  
 Por remedios los peligros.  
 Però, Faetonte el desseo,  
 Logre en fulminados brios  
 De Sol màs bello arrojado,  
 Más honrado precipicio.  
 Sera dichosa la muerte,  
 Si la vida no lo à sido,  
 Glorias seran los agravios,  
 I triunfos los castigos.

## Romance. VIII.

**P**erdiendo flechas bolava  
 Traz de un ciervo bolador  
 Amor con luzes, i rayos,  
 Con arco, i flechas el Sol.

## Varias Poesias.

Calçada plumas la muerte  
Desatava en cada harpon,  
Flechando el aire, enojado,  
No executado rigor.  
Si es de Silvia la arrogancia,  
Digalo el monte, que vió  
Fierezas en lo divino,  
I agrados en lo feroz.  
Desobligado el cabello  
De la carcel de un liston,  
No le niega el Sol embidias,  
Si contradize el color.  
Sombras obliga a sus luzes,  
I su officio exercitô;  
Si es tan hermoso lo escuro,  
Perdone su resplandor.  
A su planta de cristal  
La venturosa opresion;  
Cada hierba paga en flores,  
Paga en besos cada flor.  
I sembrando primaveras,  
Dexa su planta veloz



Vinculados los Abriles  
A las flores, que pisó.  
Solicito la buscava  
Un perdido cacador,  
Perdido de sus amores,  
Si errante de passos no.  
Noble fatiga del monte,  
I del Tajo compassion,  
Por sus ternezas, del Tajo,  
Del monte, por su valor.  
Que de lagrimas el uno,  
Que de sangre el otro vid,  
Desperdicar ál venablo;  
Derramar ál coraçon!  
De su venablo, i sus flechas,  
Que mal se previlegió  
El javali, por armado,  
El ciervo, por vividor.  
El contento de las flores  
Sus passos le reveló,  
Siendo su esplendor en ellas  
A su belleza traidor.

## Varias Poefias.

Sus rayos la descubrieron,  
Que en ventajas de esplendor,  
Mal pueden negar las flores  
Lo que el dia confesò  
Apenas lo viò la Ninfa,  
Quando le aplica el temor  
Las, que en alcance del vieto,  
Alas el viento le diò.

Para, le dize, el mancebo,  
I baste en esta ocasion,  
En abono de tus alas,  
Aver huído de Amor.

No huyas de quien te aora,  
Bolverás por tu opinion  
Que el huir de los rendidos  
De dize de tu rigor.

Si tus armas me vencieron,  
Para que infamas la accion,  
Que las queexas del vencido  
Afrentan ál vencedor.

No la alcançaron sus voces,  
I a los ecos de su voz,

Por-

*Porque el viento los recibe,  
El viento desafiò.*

Romance. IX.

**S***ino es pavellon de guerra,  
En una banda reposan.  
Siguras de sus delitos,  
Cansadas de sus vitorias.  
Las màs poderosas manos,  
Que en las guerras amorosas,  
Se respetaron por bellas,  
Quando no por matadoras.  
Las que en servicio de Amor,  
Icontra Amor poderosas  
Aunque le dan los despojos,  
Le van negando las glorias.  
A cuyos merecimientos  
Amor justamente otorga  
Los gobiernos de su estado,  
En las conquistas de Europa.  
Sossiegan las armas bellas,  
Paran las manos hermosas,  
Que de rebeldes paizes,*

## Varias Poesias.

Se retiran vencedoras.  
Entre doradas cortinas,  
Pacíficamente logran  
Adoracion voluntaria,  
Si a su belleza forçosa.  
A su Imperio retiradas  
En doceles de oro agora,  
De voluntades rendidas  
Eternos tributos cobran.

Celaje de oro parece  
La banda, por donde asoma,  
En porciones de cristal  
Hecha piezas el Aurora.

La region nevada es esta,  
Que en incēdios se trāsforma  
Y lo encierra en nubes de oro  
Y rayos de fuego arroja.

Romance. X.

**G**Allarda pisa la niña  
De su cabaña el umbral,  
El alma de la hermosura,  
La joya de la beldad.

La que perferida siempre  
Con estimacion igual  
Es la flor en el aldea,  
El diamante en la ciudad.  
Hermosa, como biçarra,  
Señora de todo está,  
Porque todo quanto mira,  
Mira, para sujetar.  
Vn abanico, que logra  
Atada su libertad  
A los grillos venturosos  
De una mano de cristal.  
El aire suele mover  
Quando se suele parar,  
Que para el aire mil vezes  
A ver hermosura tal  
Aunque por lisonja entonces  
Era el aire su galan,  
Más aire dava a las galas,  
Que el abanico le dà.  
O que bella que sale la niña  
Ciego rapaz,

## Varias Poesias.

Amor que vendado está,  
Quita la vëda, que yò te prometo  
Que ella te buelva a cegar.

Amor, pues eres de fuego,  
No temas de te encender,  
Si ves, que te ás de perder,  
Porque dizes que eres ciego;  
Ven Amor, i verás luego,  
Ven, i verás.

O que bella, que sale la niña  
Ciego rapaz. &c.

De sus ojos, i sus manos  
Suele despedir cruel,  
Los rayos de mil en mil,  
Las flechas de diez en diez.

Manos blancas, i ojos negros  
Tan de nieve, i fuego, que  
La Libia pueden elar,  
La Noroega encender.

Ciega a quantos ojos mira,  
Que van ciegos por la ver,  
Con ser niña de los ojos

De

De quantos ojos la ven,  
 Sus manos bellas aplica  
 A una ballesta que á de ser,  
 Para diez flechas aljava,  
 I para mil almas red.  
 Con tan valiente hermosura  
 La mirava entonces quien  
 Vió perder su libertad,  
 Sin que la pueda valer.  
 Los rayos teme, i las flechas,  
 Teme las redes tambien;  
 I en lisonja de las armas  
 Es lo que dixo fuè  
 El que quiziere escapar  
 Toque luego a recoger;  
 Que á de ser;  
 Si sabe armar, i tender  
 Las manos, para matar,  
 Las redes para prender.  
 Tener, tener,  
 Que aqui no ay sino padecer.  
 Llegue a ver sus bellos ojos

Qui.

## Varias Poefias.

Quien quiere ser sus despojos  
Llegue aver sus manos bellas  
Quien quiere morir en ellas;  
Mas si álfín le a de matar,  
El que quiziere escapar, &c.  
Llegose, i vió a su frente  
Claramente despedir  
Rayos de Evano bruñido  
De una Aurora de Marfil.  
Tanta luz, i tanta plata  
Vió que vino a presumir,  
Que quedava el Solescuro,  
I robado el Potosí.  
Quedava con sus cabellos,  
El precio del oro vil,  
Que con ser negros escusan  
Las riquezas del Ofir.  
En sus mexillas estava  
Empeçandose a reir  
La primavera entre rosas,  
Roxos labios del Abril.  
Apenas dava a la rifa



La comission, para abrir  
Muchas perlas, que ocultava  
Dentro todas de un rubi;  
Quando con un rayo negro  
Penetrador, i sutil,  
Buelve Amor aherirle, i luego  
Buelve otra vez a dezir.

Dexame, pues me perdi,  
Que buelva Amor, a mirar,  
Quien la vida à de llevar  
Que yó tan mal defendi.

Ay de mi, (que vi.  
Ay amor que me muerdo por lo  
Porque con flecha tan fuerte,

Ay de mi

Me das agor a la muerte

Ay de mi

I porque quando me heriste

Ay de mi,

La vida me prometiste,

I me la quitas assi.

Dexame pues me perdi,

Que

## Varias Poesias.

Que vuelva, amor, a mirar  
Quien la vida à de llevar,  
Que yò tan mal defendi.  
Ay de mi; (que vi.  
Ay amor que me muero por lo

### NARCISO.

Romance. XI.

**C**ansa siguiendo las fieras,  
Huyendo ruegos no cansa,  
El que nació de las ondas,  
Para rayo de las almas.  
El que arrogante, imagina,  
Idolatra de su aljava,  
Vna Deidad cada flecha,  
Por valiente, i por alada.  
De sus effetos se offende,  
Condenando lo que causa,  
Porque es Iman, que despide,  
I porque es nieve, que abraza,  
Perdido traz de una fiera,  
Sino era flecha animada,

Las

De Paulo Gonçalvez d'Andrada.

103

Las alas calca del viento,  
Ella del miedo las alas,  
Remora fue de sus pasos,  
Mas antes Serpe de plata,  
Vna fuente, que la muerte  
Entre las flores le guar. a.  
Fatigado el Ioven llega,  
I Amor a vengancas llama,  
Con un rayo de sus ojos,  
Por matarle con sus armas,  
Sus armas le dieron muerte,  
En satisfacion de quantas  
Amor le apuntara flechas,  
I su rigor despuntara.  
Atentos a su belleza  
En el cristal de sus aguas,  
Hidropicos de su muerte,  
Bebieron los ojos llamas,  
Buelve a mirar atrevido,  
I condenando la causa,  
Por los ojos las heridas  
Vierten la sangre del alma.

De

## Varias Poesias.

De su poder ofendido  
Esprimenta sus hazañas,  
Amor lo mira risueño,  
Eco lo escucha vengada.  
Y á con ternezas se ruega  
Aquel, que sin escucharlas  
Alpid fuè contra los ruegos,  
Sordo a valientes palabras.  
Traz de su sombra se pierde;  
O hermosura engañada,  
Mira que podran los rayos,  
Quando las sombras te matã?  
Traz de si mismo se arroja,  
Ì a la fuente sossegada,  
Abre, en busca de si mismo,  
Las cristalinas entrañas.  
El pavimento de vidrio  
Dividido en partes varias,  
Beldad fugitiva busca,  
Liquidos miembros abraça.  
Paga la fuente el engaño,  
Si es engaño el ser tan clara,  
Con

Con lagrimas, i suspiros,  
En diluvios, i borrascas.  
Peligros son sus arenas,  
Donde una beldad naofraga,  
Que en tan limitadas ondas  
Anegó tanta arrogancia.  
Quexas escuchan los montes,  
Como otro tiempo amenazas;  
Dando el ocio de las flechas,  
Treguas a las fieras bravas.  
Si ofendidas lo temieron,  
Y á lo miran lastimadas,  
Las que en fe de sus desviados  
Dieron siguro a su planta.  
Vertiendo rios de perlas  
No sin embidias del Alba,  
Lo pierde la noche escura,  
Lo buelve a hallar la mañana  
Hasta, que el tiempo, aunque tarde  
Buelta en lagrimas el alma,  
En fe de sus sentimientos  
Lo comunica a las aguas.

Des-

## Varias Poefias.

*Descansa en fu centro el Ioven  
I aunque por virtud cõtraria,  
Era fu llanto de fuego,  
Su centro en las ondas halla.  
En debil flor, fu belleza,  
Buelta la pompa biçarra,  
Si de desesperava ruegos.  
Escarmentò confianças.*

F I M.

Posto que n'algũs lugãres destas Poefias, se achem hiperboles, perque se compare a fermosura humana a cousas divinas, usando muitas vezes de termos encarecidos, como saõ Deosa, Ceo, Inferno, com os atributos de divino, eterno, soberano, & outras semelhantes formas Poeticas. Advertete o Autor, que sómente uza dellas como adornos da Poesia, sem tençaõ de se desviar em nada dos uerdadeiros dogmas de noõsa sancta Fè, a que se somete em todos seus escritos.

A.



*Delante en su centro el trueno  
 Y unq' que por unida céntrica,  
 Es a la línea de la céntrica  
 Su centro en la línea de la céntrica.  
 En el centro de la línea de la céntrica  
 En el centro de la línea de la céntrica  
 Si se separa la línea de la céntrica  
 Si se separa la línea de la céntrica.*

El Nido

Poeta que n' tiene logara del a Po  
 as, lo saben y hiperdolo, porque lo con  
 re. El tiempo de la línea de la céntrica  
 elado, en el centro de la línea de la céntrica  
 celos como los de la Céntrica, Inferno, o  
 otar el centro de la línea de la céntrica, lo  
 entre la línea de la céntrica y la línea de la céntrica.  
 vers e Amor, que es el centro de la línea de la céntrica.  
 de la línea de la céntrica, lo que es el centro de la línea de la céntrica.  
 de la línea de la céntrica, lo que es el centro de la línea de la céntrica.  
 de la línea de la céntrica, lo que es el centro de la línea de la céntrica.  
 de la línea de la céntrica, lo que es el centro de la línea de la céntrica.



AR. 27-10-83





